

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

**ANA CLARA SOMBRIO PÍCOLO**

**A POÉTICA DA FOTOGRAFIA E O OLHAR PARA OS  
EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA CIDADE DE CRICIÚMA/SC**

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2011**

**ANA CLARA SOMBRIO PÍCOLO**

**A POÉTICA DA FOTOGRAFIA E O OLHAR PARA OS  
EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA CIDADE DE CRICIÚMA/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Mndo. Marcelo Feldhaus

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2011**

**ANA CLARA SOMBRIO PÍCOLO**

**A POÉTICA DA FOTOGRAFIA E O OLHAR PARA OS EQUIPAMENTOS  
CULTURAIS DA CIDADE DE CRICIÚMA/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais – Bacharelado

Criciúma, 30 de junho de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestrando em Educação– ( UNESC) – Orientador

Prof<sup>a</sup>. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre em Educação – (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Silvana Mendes Lucas – Mestre em Ciências da Linguagem - (UNISUL)

**Dedico este trabalho ao Quarteto Fantástico: Ledir, Nica, Mario André e Maurício César. Os meus super heróis!**

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é fruto de uma trajetória de muita dedicação, de muitas leituras, olhares para a cidade, noites em claro, troca de experiências e conhecimentos... E muitos foram os que, junto a mim, fizeram parte dessa trajetória. Citá-las aqui é o mínimo que se pode fazer perante minha tamanha gratidão.

Deixo aqui, em singelas palavras, meu carinhoso agradecimento à:

Deus, pelos motivos que ele bem conhece.

Minha linda e enorme família! Em especial, meus amados pais, Ledir Milioli Pícolo e Custódia Sombrio Pícolo, por toda dedicação e apoio que sempre me ofereceram. Pelo amor incondicional. Por terem me proporcionado momentos que me fizeram crescer e amadurecer de uma forma incrível.

Meu querido irmão, Mario André Sombrio Picolo, por todo companheirismo. Por todas as conversas, risadas, brincadeiras e viagens.

Meu sempre presente namorado, Maurício Cesar Scorsin de Oliveira, por todo amor e por toda amizade. Por toda compreensão e paciência nos meus momentos de fragilidade, também nos momentos de euforia, onde eu acreditava que iria dominar o mundo e nos momentos onde não sobrou tempo para dá-lo a atenção merecida. Por toda troca de conhecimentos. Por dividir comigo todas as conquistas, os problemas e as alegrias.

Meus indispensáveis amigos, Vanessa Levatti Biff, Mauricio Bittencourt e Marieza Rosso Salvador, pela agradável companhia nesta caminhada dentro do curso de Artes Visuais. Pelo compartilhamento de ideias malucas, por todas as noites divertidas de conversas produtivas e outras nem tão produtivas assim, pelas batatinhas, dancinhas... Muito obrigado por terem me proporcionado esses momentos!

Meu dedicado orientador, Marcelo Feldhaus, por toda atenção e interesse depositado nesta pesquisa. Pelos conselhos, sugestões e puxões de orelha. Por todo incentivo, que foi de fundamental importância para realização deste trabalho.

Zeli Felisberto, pelo talento em escrever poesias.

Agradeço ao Curso de Artes Visuais da UNESC, professores, funcionários e acadêmicos que de alguma forma compartilharam comigo esses quatro incríveis anos de curso.

Também aos queridos amigos da Biblioteca Professor Eurico Back, pela mão sempre estendida e os braços sempre abertos.

Obrigada a todos, por tudo!

**“Abramos os olhos para experimentar o que  
não vemos.”**

**DIDI-HUBERMAN**

## RESUMO

A presente pesquisa intitulada: “A poética da fotografia e o olhar para os equipamentos culturais da cidade de Criciúma/SC” destaca como problema de pesquisa investigar em que medida a linguagem fotográfica, compreendida enquanto arte, contribui na formação do olhar estético dos sujeitos, tomando como ponto de partida o registro poético visual dos equipamentos culturais da cidade de Criciúma/SC. Na tentativa de responder a essa questão, foram utilizados como método de pesquisa a investigação qualitativa, de natureza básica e aplicada. Insere-se na linha de processos e poéticas prevista no curso de Artes Visuais – Bacharelado e caracteriza-se como uma pesquisa em arte. Início com a fundamentação teórica, onde dialogo com autores que abordam concepções de arte, cultura, cidade, linguagem fotográfica e construção do olhar. Dentre eles destaco LEITE (2006), DUBOIS (2003), COLI (1990) e SANTOS (2004). A proposta da produção artística baseia-se em utilizar-se da linguagem fotográfica, buscando diferentes ângulos e formas de olhar a cidade, partindo de seus equipamentos culturais. O intuito é tentar fugir da visão rotineira que se tem para a imagem da cidade. A partir disso em consonância com o referencial teórico proponho o livro da artista que reúne fotografias que partem do meu olhar poético sob os equipamentos culturais da cidade, buscando transformá-los em imagem fotográfica para que outros possam criar novos olhares a partir do meu. As imagens dialogam com escritas inserindo textos poéticos que se inter-relacionam com a captura das formas, cores, texturas, contextos. Chega-se ao final da pesquisa com algumas considerações acerca da relevância da linguagem fotográfica na formação do olhar estético, bem como a contribuição dos equipamentos culturais para com o desenvolvimento social e cultural dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Linguagem fotográfica. Olhar. Cidade. Equipamentos culturais.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Território em Transe – Mario Cravo Neto.....	23
Figura 02 – Território em Transe – Mario Cravo Neto.....	24
Figura 03 – Mosaico de imagens 1.....	26
Figura 04 – Monumento ao Mineiro 1.....	28
Figura 05 – Monumento aos Desaparecidos Políticos 1.....	29
Figura 06 – Praça da Chaminé 1.....	30
Figura 07 – Praça da Chaminé 2.....	30
Figura 08 – Memorial Dino Gorini 1.....	31
Figura 09 – Imagem e texto.....	33
Figura 10 – Mapa de Santa Catarina.....	38
Figura 11 – Mapa de Santa Catarina (destaque criciúma) .....	38
Figura 12 – Mina Modelo Caetano Sônego.....	40
Figura 13 – Memorial Dino Gorini 2.....	41
Figura 14 – Chaminé.....	43
Figura 15 – Locomóvel.....	44
Figura 16 – Largo da Anistia.....	44
Figura 17 – Monumento aos Desaparecidos Políticos 2.....	46
Figura 18 – Monumento à Primeira Pedra Mó.....	47
Figura 19 – Memorial Casa do Ferroviário Mário Ghisi.....	48
Figura 20 – Praça Nereu Ramos.....	49
Figura 21 – Memorial 20 de Novembro.....	49
Figura 22 – Monumento ao Mineiro 2.....	50
Figura 23 – Casa da Cultura.....	51
Figura 24 – Teatro Municipal Elias Angeloni e Teatro de Arena.....	52
Figura 25 – Praça do Congresso.....	53
Figura 26 – Museu Augusto Casagrande.....	54
Figura 27 – Fundação Cultural de Criciúma.....	55
Figura 28 – Espaço Cultural Unesc.....	56
Figura 29 – Cinema.....	57
Figura 30 – Fotografando.....	59
Figura 31– Mosaico de imagens 2.....	60

Figura 32 – Mosaico de imagens 3.....	60
Figura 33 – Livro / Capa.....	62
Figura 34 – Livro / Informações.....	62
Figura 35 – Livro / Páginas abertas 1.....	63
Figura 36– Livro / Páginas abertas 2.....	64

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FCC – Fundação Cultural de Criciúma

SC – Santa Catarina

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

CBCA – Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1 Metodologia</b> .....	<b>15</b>
<b>2 REFLEXÕES SOBRE ARTE E CULTURA: ESTUDOS INICIAIS DE UM CONCEITO</b> .....	<b>18</b>
<b>3 REFLEXÕES SOBRE O ATO FOTOGRÁFICO: PENSANDO A FOTOGRAFIA ENQUANTO LINGUAGEM DE ARTE.</b> .....	<b>21</b>
<b>3.1 A fotografia enquanto arte, instrumento e captura: mecanismos para uma boa foto.</b> .....	<b>27</b>
<b>3.2 Imagem e Palavra: a poética da palavra implícita na imagem fotográfica ..</b>	<b>32</b>
<b>4 ARTE, CIDADE E EQUIPAMENTOS CULTURAIS: UM DIÁLOGO COM A FORMAÇÃO DO OLHAR ESTÉTICO DOS DIFERENTES SUJEITOS</b> .....	<b>34</b>
<b>4.1 Olhar a cidade em foco: Um breve panorama imagético dos equipamentos culturais de Criciúma</b> .....	<b>38</b>
<b>4.1.1 Mina Modelo Caetano Sônego</b> .....	<b>40</b>
<b>4.1.2 Memorial Dino Gorini</b> .....	<b>41</b>
<b>4.1.3 Praça da Chaminé</b> .....	<b>42</b>
<b>4.1.3.1 Chaminé</b> .....	<b>43</b>
<b>4.1.3.2 Locomóvel</b> .....	<b>44</b>
<b>4.1.4 Largo da Anistia</b> .....	<b>44</b>
<b>4.1.5 Monumento aos Desaparecidos Políticos</b> .....	<b>46</b>
<b>4.1.6 Monumento à Primeira Pedra Mó</b> .....	<b>47</b>
<b>4.1.7 Memorial Casa do Ferroviário Mário Ghisi</b> .....	<b>48</b>
<b>4.1.8 Praça Nereu Ramos</b> .....	<b>49</b>
<b>4.1.8.1 Memorial 20 de Novembro</b> .....	<b>49</b>
<b>4.1.8.2 Monumento ao Mineiro</b> .....	<b>50</b>
<b>4.1.8.3 Casa da Cultura Neuza Nunes Vieira</b> .....	<b>51</b>
<b>4.1.9 Teatro Municipal Elias Angeloni e Teatro de Arena</b> .....	<b>52</b>
<b>4.1.10 Praça do congresso</b> .....	<b>53</b>
<b>4.1.11 Museu Municipal Histórico e Geográfico Augusto Casagrande</b> .....	<b>54</b>
<b>4.1.12 Fundação Cultural de Criciúma</b> .....	<b>55</b>
<b>4.1.13 Espaço Cultural Unesc – Toque de Arte</b> .....	<b>56</b>
<b>4.1.14 Cinema</b> .....	<b>57</b>
<b>5 MEMORIAL DESCRITIVO: Livro de artista: Fotografias, poéticas e olhares para os equipamentos culturais de Criciúma</b> .....	<b>58</b>

**6 CONCLUSÃO ..... 65**  
**REFERÊNCIAS..... 68**  
**ANEXO..... 72**

## 1 INTRODUÇÃO

Devido a constante correria em que vivemos nos dias de hoje, a falta de tempo pouco permite perceber o mundo de histórias ao nosso redor. Somos diariamente expostos a um cansativo bombardeamento visual que resulta na desatenção humana sobre o sentido do olhar. A questão é que, muitas vezes, as pessoas não depositam atenção naquilo que vêem, ou pelo menos não depositam a atenção necessária para que possam criar uma relação com o que foi visto.

Sempre cultivei uma relação muito forte com as imagens. Principalmente as imagens fotográficas. Já perdi, ou melhor, ganhei horas e horas olhando fotografias, álbuns e livros fotográficos que sempre me fizeram viajar no tempo e nas lembranças.

Acredito que deste gosto por olhar, olhar... e olhar de novo as fotografias é que tenha nascido o fascínio por também produzi-las. Tudo que se remetia ao universo fotográfico sempre me despertou muito interesse. E foi ao ler “fotografia” na matriz curricular do Curso de Artes Visuais da UNESC, que decidi qual seria minha área de formação.

Ao entrar para o curso de graduação descobri um mundo de possibilidades dentro das artes visuais, e algo que me despertou certo interesse, estas se remetiam as questões que envolviam o olhar. As discussões sobre esse tema sempre rendiam boas conversas e geravam muitas indagações.

Na busca por saber e descobrir mais sobre fotografia, o olhar e também a cidade onde vivo é que me propus o desenvolvimento desta pesquisa.

Vivo em Criciúma desde meus primeiros dias e tenho verdadeira paixão por toda sua história. História que está visivelmente exposta em nosso dia a dia, representada pelos monumentos históricos, praças, festas típicas, enfim, por todos os seus equipamentos culturais. Daí minha preocupação com o olhar que as pessoas tem para a cidade.

Tomo como ponto de partida, para minha pesquisa, os equipamentos culturais de Criciúma. Tendo em vista que esses representam fortemente a cidade e sua história, sem contar que são fontes inesgotáveis de propagação da cultura e estão em constante diálogo com a cidade.

Relacionando estes fatores, encontrei meu objeto de pesquisa que buscou investigar, em que medida a linguagem fotográfica, compreendida enquanto arte contribui na formação do olhar estético dos sujeitos, tomando como ponto de partida o registro poético visual dos equipamentos culturais da cidade de Criciúma? A intenção de abordar questões sobre a formação do olhar através da fotografia, é a de despertar o olhar das pessoas para a cidade de Criciúma, partindo de um olhar poético para os equipamentos culturais. Além de possibilitar a construção de um olhar estético-crítico através da inserção num meio que permita o desenvolvimento desta relação entre pessoa e cidade, ser e meio.

Para realização desta pesquisa, considero como bases teóricas fundamentais o estudo da arte, dos equipamentos culturais de Criciúma, da fotografia/imagem e do olhar. Levanto, então, algumas questões: quais relações são estabelecidas entre arte, cidade e equipamentos culturais? De que maneira a linguagem fotográfica pode auxiliar na construção e no despertar do olhar? Quais as relações entre arte, cultura e a linguagem fotográfica? Diante disso, iniciei a pesquisa em busca de respostas, além de querer ampliar minha carga de conhecimento.

Para melhor compreensão sobre os assuntos abordados e relações estabelecidas entre eles, a pesquisa está estruturada em seis capítulos.

Primeiramente o capítulo que tem como título “definindo o método”, é onde falo sobre a metodologia utilizada para realização da pesquisa. Trago definições sobre a linha de pesquisa na qual está inserido o curso de Artes Visuais bacharelado, assim como a definição de abordagem.

No capítulo intitulado “reflexões sobre arte e cultura: estudos iniciais de um conceito”, trago conceitos de arte e cultura com o intuito de defini-las e relacioná-las. Busco uma reflexão sobre essa relação, onde pode-se perceber que a constante ligação entre ambas vem ao encontro com a formação da identidade dos sujeitos.

Em “reflexões sobre o ato fotográfico: pensando a fotografia enquanto linguagem de arte”, busco situar o aparecimento da fotografia, trazendo a tona um pequeno levantamento sobre sua trajetória através dos séculos bem como sua contextualização histórica. Seguido por reflexões sobre a fotografia enquanto linguagem da arte, afim de estabelecer quando ela é arte e quando ela deixa de ser, e também de firmar seu potencial estético. Neste capítulo encontram-se, ainda, dois subtítulos. Um deles fala sobre os mecanismos para uma boa foto. Fatores a serem

pensados na composição de uma imagem. E no outro subtítulo, trago a questão da escrita na imagem, refletindo sobre a relação entre imagem e texto.

No capítulo “arte, cidade e equipamentos culturais: um diálogo com a formação do olhar estético”, discorro sobre arte articulada à cidade. Apresento o conceito de pólis e também falo sobre a cidade hoje. Discuto a importância dos equipamentos culturais dentro das cidades e como eles podem e devem contribuir para nossa formação estética enquanto sujeitos. Remeto-me sempre ao problema de pesquisa, relacionando fotografia e olhar. Já no subtítulo desse capítulo direciono meu olhar especificamente para a cidade de Criciúma. Apresento os equipamentos culturais que escolhi para contemplar a pesquisa utilizando as fotografias de minha autoria. Esclareço porque escolhi esses e falo de maneira breve sobre eles, pois procuro evidenciar as fotografias de cada um fazendo reflexões sobre o meu olhar ao compor as imagens.

Em ‘memorial descritivo’, tendo em vista que a pesquisa de bacharelado exige que se tenha uma produção artística que tenha vínculo e resulte do processo de investigação/criação, falo propriamente de minha produção artística. Apresento as fotografias tiradas e algumas referências utilizadas ao longo do texto com o intuito de fundamentar minha criação e meu processo de pesquisa. Escrevo de forma narrativa buscando evidenciar a produção, firmando sempre um elo com a fundamentação teórica. Evidencio a criação de um livro fotográfico, e justifico essa escolha como Livro da Artista.

Por último, o capítulo de conclusão, trago as considerações finais sobre esta pesquisa.

## **1.1 Metodologia**

A pesquisa de conclusão de curso, intitulada “A poética da fotografia e o olhar para os equipamentos culturais da cidade de Criciúma/SC” inscreve-se na linha de pesquisa Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais da UNESC, e é de natureza aplicada uma vez que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos”. (LAKATOS, 2005).

Os estudos foram fundamentados em recortes conceituais que envolvem a arte e linguagem fotográfica, caracterizando-se como uma investigação, qualitativa, uma vez que o foco da produção não é realizar a quantificação dos dados. Creswell (2007, p.184) define:

A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados [...]. Os procedimentos qualitativos se baseiam em dados e usam estratégias diversas de investigações.

Desta forma realizei levantamento bibliográfico envolvendo concepções sobre a arte, fotografia, equipamentos culturais e um recorte sobre os monumentos históricos, da cidade de Criciúma/SC. No estudo sobre a arte foco no estudo do olhar: de que maneira ele se dá, estendendo-me a compreensão da experiência estética e do sentimento envolvido neste olhar. Com relação à fotografia, busco compreender sua relação com a arte. Estabeleço reflexões que buscam compreender quando ela pode ser considerada arte, bem como evidenciar os mecanismos que contribuem para a composição de uma boa foto/imagem. Quanto a cidade de Criciúma e seus equipamentos culturais, busco reconhecer seus significados e suas histórias com a intenção de, aliado aos estudos anteriores de arte, possibilitar através da fotografia a formação de um olhar estético crítico e uma nova forma de olhar e sentir a cidade.

Tendo em vista que esta pesquisa tem como base o levantamento de dados livros, artigos científicos, e materiais informativos que ressignificam os temas tratados anteriormente compreendo-a como uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Fachin (2003, p.125):

A pesquisa bibliográfica diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras. Tem como finalidade fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e proporcionar a produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

Quanto aos objetivos classifica-se como pesquisa exploratória, onde segundo Gil, (2008, p. 41), esse tipo de pesquisa exploratória:

[...] tem como objetivo, proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias

ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a considerações dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Dialogando com a pesquisa bibliográfica traço uma experimentação na cidade a partir de técnicas da linguagem fotográfica. Entre os meses de março e junho de 2011 (re)visitei os equipamentos culturais envolvidos nesse estudo buscando capturar ângulos, momentos, estéticas advindas dos estudos teóricos/bibliográficos realizados concomitantemente.

Vale ressaltar que o conceito sobre equipamentos culturais está embasado nos estudos de LEITE (2006). A escolha dos evidenciados aqui foram contemplados por alguns critérios como: afinidade/memória, captura de imagens que concretizem conceitos estudados, panorama histórico, cultural e artístico da cidade.

Sendo assim meu trabalho caracteriza-se como uma pesquisa em arte. De acordo com Cattani (2002) *apud* Leite (2008, p.31) a pesquisa em arte é “aquela relacionada à criação das obras, que compreende todos os elementos do fazer, a técnica, a elaboração de formas, a reflexão, ou seja, todos os elementos de um pensamento visual estruturado”.

Contudo, proponho como produção artística (obra) o livro da artista, com cunho fotográfico, onde o ponto de partida é o registro poético visual dos equipamentos culturais da cidade de Criciúma. Esse é o meio pelo qual busco despertar o olhar das pessoas. O desejo é provocar a partir da fotografia artística uma nova possibilidade de olhar aos sujeitos. Que se ultrapasse os estágios de observador passivo, para a condição de observador participante.

A análise final consiste na síntese do levantamento bibliográfico e das constatações obtidas. A partir desses conhecimentos busco refletir em que medida a linguagem fotográfica, compreendida enquanto arte, contribui na formação do olhar estético dos sujeitos tendo como viés os equipamentos culturais de Criciúma/SC.

## 2 REFLEXÕES SOBRE ARTE E CULTURA: ESTUDOS INICIAIS DE UM CONCEITO

Refletir, definir e relacionar é o que me proponho na discussão desta produção. O que é arte? O que é cultura? Como elas se relacionam, se aproximam e se distanciam?

Buscar uma definição, um conceito, para arte, assim como para a cultura, não é tarefa fácil. São muitas as discussões acerca desses conceitos, no entanto procuro dialogar com alguns autores que tratam de estudos relativos a estas áreas no sentido de tecer algumas reflexões importantes para a pesquisa.

Sobre arte Coli (1990) nos diz que são “certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo” (p. 8). Já Leite (2005) dialoga com o pensamento de Coli e complementa suas reflexões sobre arte como: “um sistema de manifestações e códigos que se interpenetram e se recodificam a cada momento; uma forma particular de ver e expressar o mundo, que atua como uma reação emocional e conceitual a vida”. (p. 22). Podemos então dizer que arte é forma de expressão e manifestação humana, carregada de conceitos e emoções. Através da arte o homem expressa sua vivência, constrói novos repertórios, novos signos que se interpretam e se revelam cotidianamente.

Quando fala-se em cultura a partir dos estudos realizados, percebo a presença mais efetiva de duas compreensões entre os teóricos. Uma definição que trata a “cultura” no sentido de um povo, raça ou nação onde Santos (1996) a discute considerando:

[...] a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. São complexas as realidades dos agrupamentos humanos e as características que os unem e diferenciam, e a cultura as expressa. Assim, diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos [...]. (p. 7)

Há também conceito de “cultura” que parte do ponto de vista antropológico. Esse vem sendo construído, reinventado e (re)significado através dos tempos. Nesse sentido cultura já foi vista como civilização e como um estado a ser atingido. Atualmente fala-se de cultura como um fenômeno humano, instrumento fundamental

de formação da identidade do sujeito. Segundo Thomaz (s/d apud Richter, 2003, p.17) :

(...) a cultura se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo, pois, a um fenômeno individual; por outro lado, cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares, dá diferentes significados a coisas e passagens da vida aparentemente semelhantes. As culturas mudam, seja em função de sua dinâmica interna, seja em função de diferentes tipos de pressão exterior. (...) A cultura é, pois, “um processo dinâmico de reinvenção contínua de tradições e significados”.

Esse processo de reinvenção cultural é possível pela existência da pluralidade cultural ou hibridação cultural<sup>1</sup>, que é a soma de várias culturas. É na troca que o sujeito passa a conhecer e a compreender a cultura do outro e, assim, amplia seu repertório, constrói sua identidade<sup>2</sup>.

Desta forma amplio essa reflexão na perspectiva de que esta troca deve acontecer também entre sujeito<sup>3</sup> e cidade (ou espaço) e seus instrumentos culturais. É preciso olhar para a cidade e sua identidade cultural. Um olhar ativo, com atenção e reflexão para que aconteça uma troca e então um envolvimento entre sujeito e lugar. Neste sentido, concordo com Hall (2001) quando diz que:

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então costura o sujeito a estrutura. (p. 12)

Seria a arte capaz de estreitar laços entre sujeito e cidade? É de formar e despertar o olhar do sujeito para os instrumentos culturais e monumentos artísticos/históricos da cidade, que são, mesmo que algumas vezes inconscientemente, parte da identidade cultural de cada sujeito? Baseando-se em estudos entendo que a arte é um importante instrumento de valorização cultural e que:

[...] é possível pensar a arte contemporânea como um recurso muito importante para o ensino intercultural da arte, pois possibilita uma abordagem

<sup>1</sup>Processos sócio-culturais nos quais estruturas ou práticas culturais, que existem de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas. (RICHTER, 2003)

<sup>2</sup> Faz referência a identidade cultural.

<sup>3</sup> Tal qual o dicionário Aurélio define: O ser individual, real, que se considera como tendo qualidades ou praticado ações.

em que os valores estéticos e culturais de determinado grupo social ou étnico são valorizados. (RICHTER, 2008, p.108)

Coli (1990) nos diz que ser instrumento de prazer cultural é o mais profundo sentido da arte. Entende-se então a arte como um instrumento da cultura, percebida como fruto da atividade humana e criada a partir de percepções e ideias, com o objetivo de estimular esses momentos de consciência nas pessoas. Cultura é instrumento de formação de identidade, como podemos perceber na fala de Leite (2005):

É no dialogo com o outro e com a cultura que cada um é constituído, desconstruído, reconstruído, cotidianamente. O acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade. (p. 23).

Valendo-me desses autores como base teórica, entendo como cultura as interações da arte e das demais atividades humanas, que por sua vez se relacionam dando origem ao que chamamos de pluralidade cultural<sup>4</sup>. Percebo a arte como um meio de manifestação, carregada de signos e significados, que ajudam a construir e reconstruir a identidade dos indivíduos.

---

<sup>4</sup> Pluralidade cultural é entendida como a existência de várias culturas que se relacionam. (RICHTER, 2003)

### 3 REFLEXÕES SOBRE O ATO FOTOGRÁFICO: PENSANDO A FOTOGRAFIA ENQUANTO LINGUAGEM DE ARTE.

A arte pode ser expressada de diversas maneiras conforme já transcorrido em outros momentos dessa produção. Para comunicar e produzir arte temos a nosso dispor diferentes linguagens artísticas, que são divididas em: Artes Visuais, Teatro, Música e Dança. Em diálogo com minha pesquisa aproprio-me especificamente de um dos segmentos das artes visuais, que são as artes que lidam com as diferentes imagens, a fotografia.

Ao longo dos tempos muitas foram as polêmicas levantadas em torno da fotografia enquanto linguagem artística. A pergunta mais frequente é: fotografia é arte?

Para buscar essa resposta, retomando meu problema de pesquisa, que apropria-se da linguagem fotográfica com suas especificidades para possibilitar a construção do olhar sobre os equipamentos culturais da cidade, busco neste texto situar o aparecimento da fotografia, trazendo a tona um pequeno levantamento sobre sua trajetória através dos séculos bem como sua contextualização histórica. Para dialogar com esta questão evidencio Cesar (2007, p.20-21):

Fotografia é a arte da luz. Engraçado, pois tudo começou com uma Câmara Escura<sup>11</sup>. Foi no século V a.C. que seu princípio óptico foi conferido ao chinês Mo Tzu por alguns historiadores. Também falam em Aristóteles, filósofo grego, como sendo o responsável pelos primeiros comentários da Câmara Escura. Apenas em 1826 um francês chamado Joseph Nicéphore Niepce tirou a primeira fotografia pela ação da luz. O nascimento da fotografia e seu aperfeiçoamento, entretanto, é dividido entre outros aficionados: Louis-Jacques Mande Daguerre, Josef Petzval, William Henry Fox Talbot, John Herschel, James Clerk-Maxwell e Hercule Florence, para citar apenas os mais importantes.

Ainda sobre história da fotografia, Tavares (2009) nos apresenta uma breve, síntese:

Esta é, naturalmente, uma obra que resulta da intervenção de várias experiências e tentativas por parte de várias pessoas. Foi a junção de diversos processos, de vários conceitos, de múltiplos estudos que levaram ao aparecimento da fotografia, tal como hoje a conhecemos. Não estamos, assim, perante uma invenção que se atribua unicamente a uma só pessoa. Conceito como o de câmara escura, do latim *camera obscura*, um dos mais importantes no campo da óptica é crucial para o aparecimento da máquina fotográfica e conseqüentemente da fotografia (...) De então para cá a

evolução da fotografia, das técnicas, das tecnologias, das máquinas nunca mais parou. (p. 120)

Desta forma percebo que a fotografia, assim como as outras linguagens artísticas, sofreram mudanças a partir de muitos estudos e diversas experiências de diferentes autores e artistas. Sua história é curiosa e interessante. Porém, a proposta aqui não é deter-se a datas ou fatos meramente históricos, não desmerecendo sua importância e notoriedade, mas sim falar da fotografia enquanto linguagem artística<sup>5</sup>.

Ao longo de sua história a fotografia sofreu muito preconceito. É certo que a resistência a essa linguagem artística diminuiu, porém, nunca desapareceu. Apesar de passar a ser considerada uma forma de arte, em meados das décadas de 20 e 30, muitos não a aceitam como arte. Alguns livros apontam Baudelaire<sup>6</sup> como um dos críticos mais radicais da fotografia, “ele faz questão de separar a pintura da fotografia, afirmando ser a fotografia um produto da indústria tecnológica.” (ANDRADE, 2002, p.35). Muitas são as pessoas que discriminam esta linguagem, afirmando ser ela apenas uma cópia que possibilita a fabricação de mais cópias, fazendo assim com que a arte perca o seu valor.

Porém outros vêem a fotografia como arte. Esses acreditam que “o resultado da fotografia não está na máquina (instrumento do fazer desta arte) mas sim no olho do fotógrafo que percebe determinado momento e o captura”. (TAVARES, 2009, p. 122). Fica claro então que a máquina fotográfica é para o fotógrafo, o que o pincel é para o pintor, um instrumento.

César (2007) nos traz uma interessante reflexão sobre a fotografia enquanto arte:

A arte guarda para si o privilegio da liberdade de expressão, quanto a fotografia foi e ainda é entendida por alguns como uma arte somente reprodutiva. Pertence a uma forma de reprodução em serie e, por isso, não é encarada como uma obra única, diferenciando-se da arte. Bobagem. É ou foi vista assim porque apareceu no mundo das artes plásticas causando medo. Nenhum outro meio de expressão reunia a perfeição da imagem fotográfica. Intrusa, a fotografia foi criticada porque não parecia possível criar a partir dela. (p. 23)

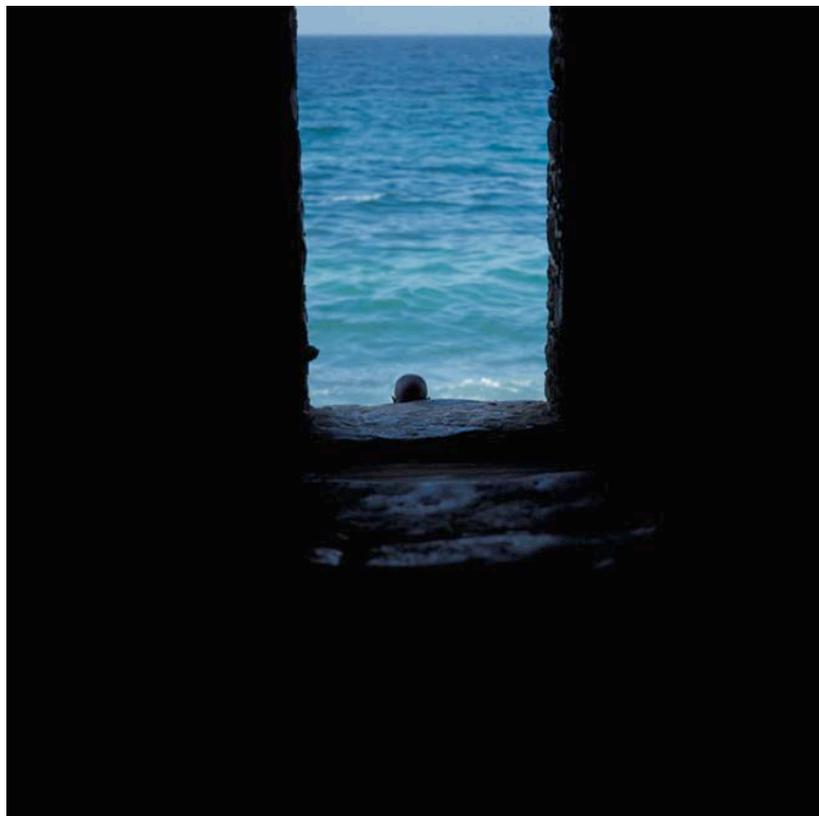
---

<sup>5</sup> Para maiores informações e conceitos sobre a história da fotografia, indico a leitura de alguns autores como, por exemplo, KUBRUSLY(2003), BUSSELLE(1979) e CESAR(2007).

<sup>6</sup> Charles Baudelaire. Poeta e teórico de arte francês.

De acordo com as leituras realizadas que buscaram encontrar caminhos para dialogar com o problema de pesquisa, a fotografia nos tempos atuais, alcançou um imponente reconhecimento dentro das artes visuais. É peça atuante dentro da arte contemporânea<sup>7</sup>. Ela deixa de ser arte apenas quando “esquecemos sua essência criativa. Se apenas for considerado o aspecto técnico: a manipulação da câmera, o conhecimento das lentes, dos filtros...” (CESAR, 2007, p.24). Ainda de acordo com o pensamento do autor:

[...] o fotógrafo, qual os artistas, também precisa estudar e conhecer cores, luzes, composição, perspectiva. Com isso, será capaz de retratar o mundo, a vida, a natureza ou um objeto de um ponto de vista exclusivo. Independentemente da quantidade de reproduções, a foto será única. (p.24).



**FIGURA 01 –TERRITÓRIO EM TRANSE – MARIO CRAVO NETO**  
FONTE: <http://www.bolsadearte.com.br>

---

<sup>7</sup> A arte contemporânea é um período artístico que surgiu na segunda metade do século XX e se prolonga até aos dias de hoje. As orientações artísticas deste período, apesar de distintas, partilham um espírito comum: são, cada qual a seu modo, tentativas de dirigir a arte às coisas do mundo, à natureza, à realidade urbana e ao mundo da tecnologia. As obras articulam diferentes linguagens - dança, música, pintura, teatro, escultura, literatura etc. -, desafiando as classificações habituais, colocando em questão o caráter das representações artísticas e a própria definição de arte. (Fonte: <http://www.itaucultural.org.br> acesso em 12/04/2011 às 20h).



**FIGURA 02 – TERRITÓRIO EM TRANSE – MARIO CRAVO NETO**  
 FONTE: <http://www.bolsadearte.com.br>

As imagens fotográficas acima são obras do artista/fotógrafo brasileiro Mario Cravo Neto e fazem parte de uma série de fotografias chamada “Território em transe”, onde terreiros<sup>8</sup> são clicados em diferentes situações. Nessas imagens, por exemplo, o fotógrafo coloca-se por entre frestas, como um intruso mirando o ocorrido, dando, assim, às imagens a impressão de uma atmosfera sombria, tornando visível o invisível dos rituais. Com suas fotografias Cravo Neto, sendo estimulado pela cultura afro-brasileira, valorizou o olhar do brasileiro sobre o Brasil e a cultura africana. Percebe-se nas fotografias o trabalho de composição do artista na busca do melhor enquadramento, da iluminação, de ângulos inusitados, entre outros.<sup>9</sup>

Diante das imagens de Cravo Neto torna-se mais fácil compreender quando a fotografia cumpre ou deixa de cumprir seu papel enquanto linguagem da arte. E entende-se também que todo o preconceito que se tem em torno da fotografia como arte, é fruto do uso puramente técnico desta linguagem, onde não existe uma composição, um pensamento por traz da imagem/obra que transgride, que revela e desvela, que poetiza, que oferece potência de criação.

Ainda sobre a possibilidade de reconhecer e firmar a fotografia dentro da história da arte contemporânea, Huchet (2004, p.14) nos diz que:

[...] a fotografia já suscitou sólidas e ricas investigações que não a deixam à margem do movimento de perpétua redefinição das artes visuais e plásticas em vigor na modernidade, exatamente porque ela contribuiu para gerar esse movimento, sendo um de seus elementos-motor [...] a fotografia é um veículo

<sup>8</sup> Local onde se realizam as festas de candomblé e de outras religiões afro-brasileiras.

<sup>9</sup> Informações sobre as fotografias foram baseadas em um artigo, sobre o fotógrafo, na Revista MAM. (bibliografia está presente na página de referências deste projeto.)

cujo impacto ainda é forte porque abarca consigo um estatuto ambíguo de objeto e de mediação ao mesmo tempo técnica e cultural.

Todavia Tavares em diálogo com o pensamento de Huchet, complementa a ideia de fotografia como linguagem artística e parte da história da arte contemporânea, afirmando que:

A fotografia contemporânea, tal como a pintura, tem na sua essência a criação de metáforas, de conotações, de analogias diversas, conseguindo converter a objetividade em subjetividade. O visível não é necessariamente aquilo que se nos é apresentado perante os olhos. [...] A fotografia percorreu todo um caminho que, em várias épocas foi apenas o seu, alheada da História da Arte, mas que hoje se integra e constitui um verdadeiro ramo da História da Arte Contemporânea. (2009, p. 125).

Fica claro, a partir da fala do autor, que a fotografia é uma linguagem artística de presença influente na arte contemporânea e de tamanha potência estética. Uma arte instantânea que é capaz de retratar pessoas, objetos, etc., e também de congelar um fragmento do tempo, um momento, que será único e eternizado através da imagem fotográfica.

Portanto, devido a esses fatores, escolho a fotografia para falar da cidade de Criciúma e de seus equipamentos culturais. Na perspectiva de olhar a partir de diferentes ângulos, de uma maneira pouco convencional, da qual muitas vezes não temos chance de perceber devido a correria do dia a dia. A partir dessa poética, busco oferecer uma possibilidade de olhar à cidade e perceber seus equipamentos culturais.

Philippe Dubois acredita que o valor cultural de uma imagem<sup>10</sup> encontra-se de forma plena na fotografia mais do que em outras formas de imagem. E que a fotografia provavelmente é a forma de imagem em que a representação está, ao mesmo tempo, perto e longe do “objeto” (conteúdo da imagem). Perto, pois, como sabe-se, a fotografia é a linguagem com mais capacidade para representar fielmente o real. A imagem fotográfica é intimamente ligada ao objeto. E distante, pois, a fotografia separa o objeto do real no momento em que o objeto transforma-se em imagem fotográfica. Segundo o autor essa separação é essencial e está presente

---

<sup>10</sup> “Tudo o que faz dela um objeto único, mágico, participante no ritual de um culto, tudo o que faz dela um objeto de crença mais do que de visão” (DUBOIS, 2003, p.311). Quanto o autor cita a palavra “dela”, refere-se a imagem.

em todas as fases do processo fotográfico. Desde a tomada fotográfica, onde a separação acontece no exato momento do click, momento em que a máquina captura a imagem. Durante o tempo intermediário em que a imagem é chamada “latente”, pois a fotografia ainda não foi revelada. Até no momento em que podemos finalmente olhar e contemplar a imagem revelada. É esse processo de separação que fundamenta o efeito do olhar sobre a foto, que induz o espectador a transitar do “agora” da foto para o “anterior”. Olhar intensamente a imagem que remete ao objeto real, que necessariamente esteve ali, e que se faz, de certa forma, mais presente imaginariamente, pois, ainda de acordo com o autor, uma foto é sempre uma imagem mental, nossa memória só é feita de fotografias. (DUBOIS, 2003)



**FIGURA 03 – MOSAICO DE IMAGENS 1 – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

Compreende-se que ao olhar uma imagem, essa nos remeterá a lembranças, atingirá nossa memória. Então é possível perceber que olhar a cidade de Criciúma a partir da poética fotográfica é uma possibilidade de manter nossa memória imagética viva, com um acervo ampliado de imagens, mensagens, memórias e por consequência, manter viva a memória da cidade. Minhas fotografias apontam

ângulos que me afetam, que me sensibilizam enquanto pesquisadora e fruidora de arte. Cada imagem capturada é como se fosse uma tela, um desenho, uma gravura, porém realizada a partir da manipulação de uma câmera.

A imagem é considerada uma linguagem universal, sem regras gramaticais. Sua leitura depende de cada pessoa, de cada olhar. Depende da bagagem histórica e cultural de cada um. Silva (2008, p.03) afirma que:

[...] todas as mensagens visuais designam duas funções: a cognitiva e a emotiva. Estas duas funções da comunicação referem-se à denotação (conteúdo da mensagem), e à conotação (dependente da forma como a mensagem é organizada), sendo suas possíveis leituras e interpretações oriundas da experiência do receptor, podendo ser produtora dos mais diferentes sentidos.

Sendo a fotografia uma linguagem carregada de significações e que nos possibilita viver experiências estéticas, é a partir dela, da captura pela lente, de momentos únicos, que proponho que as pessoas olhem para a cidade de Criciúma e seus equipamentos culturais, assim como seus monumentos, de uma forma mais poética e sensível.

### **3.1 A fotografia enquanto arte, instrumento e captura: mecanismos para uma boa foto.**

Conforme relatado anteriormente, para ser considerada arte, a imagem fotográfica deve ser pensada, ter significado, ser fruto de um processo de criação que revele um momento único a partir do olhar do artista/fotógrafo. Aspectos como iluminação, ângulo, enquadramento, cor são fundamentais para materializar por imagem um resultado de qualidade fotográfica. Segundo Barthes (1985, p.132), “na fotografia, a imagem transforma-se numa escrita, a partir do momento em que é significativa.” Para isso existem diversos recursos, ou, mecanismos a favor dos artistas/fotógrafos, para que consigam compor suas obras, neste caso a fotografia. Além da essência criativa, a imagem deve apresentar certa composição. São diversas as possibilidades. De acordo com Marigo (2010, p.36) são:

Tantas as escolhas, que a dificuldade não é a limitação do aparelho e das receitas do fabricante. Mas sobre as infinitas possibilidades de onde nos

situarmos, no espaço e no tempo. E de escolher o instante decisivo e as infinitas combinações de opções técnicas.

O primeiro passo do artista é escolher o tema a ser fotografado, saber, entender, os motivos que o levaram a determinar essa escolha. Penso que isso torna o trabalho de composição da fotografia mais significativo. Busselle (1979, p.16) comenta que “a composição nada mais é do que a arte de dispor os elementos do tema – formas, linhas, tons e cores – de maneira organizada e agradável.” Desta forma entende-se que a composição, se não o mais importante, é um dos principais fatores para uma boa fotografia.

Para Marigo (2010, p.63) “composição é atividade mental, que envolve sensibilidade, percepção, pensamento e sentimento. Isso alinhado a técnica permite ao artista fotógrafo “dar significado” a sua visão do mundo.” Sendo assim julga-se importante conhecer o tema a ser fotografado, e explorá-lo ao máximo, conhecer seus detalhes, senti-lo, como também utilizar-se de mecanismos e técnicas fotográficas.

Como a fotografia é um importante componente desta pesquisa, torna-se necessário falar um pouco mais sobre esses mecanismos que auxiliam a composição das imagens que capturo durante o processo e ofereço enquanto produção artística que dialoga com esta pesquisa em arte.

São muitas as alternativas que dão controle ao fotógrafo no momento da criação/composição e tudo implica em decisão. É válido citar alguns exemplos, como:

- Foco. A escolha do plano de foco é o que determina a nitidez da imagem. Pode-se escolher dar ênfase a um detalhe da cena, objeto ou a um determinado plano da foto (MARIGO, 2010);



**FIGURA 04 – MONUMENTO AO MINEIRO 1 – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora

Na imagem acima, o foco está no objeto em primeiro plano, com o intuito de direcionar o olhar do espectador para o monumento em questão, possibilitando assim uma reflexão sobre a importância do monumento e o lugar que ele ocupa na cidade.

- Iluminação. A luz, segundo Busselle (1979, p.22) “é indispensável à fotografia (...) ela cria sombras e altas-luzes, e é isso o que revela a forma espacial, o tom, a textura e o desenho.” É importante estudar a luz antes de tirar a fotografia, verificar como a direção da luz afeta o assunto, como por exemplo, luz frontal para obter fotos brilhantes e nítidas, iluminação por trás para criar silhueta, iluminação lateral para mostrar a textura do assunto;



**FIGURA 05 – MONUMENTO AOS DESAPARECIDOS POLITICOS 1 – ANA CLARA PÍCOLO**  
FONTE: Acervo da Pesquisadora

Nesta imagem, opto por aproveitar a luz do sol direcionada por trás do monumento em questão. Posicionando o monumento em frente a luz consigo a criação da silhueta formando assim um desenho.

- Ângulo. O melhor ângulo para uma foto nem sempre é aquele diretamente em frente ao tema. É válido movimentar-se até encontrar um bom ângulo para tirar a foto. O simples fato de se ajoelhar, deitar no chão ou até mesmo fotografar do alto pode deixar a fotografia mais interessante;



**FIGURA 06 – PRAÇA DA CHAMINÉ 1 – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

Ao fotografar a chaminé, busquei diferentes ângulos, afim de mostrar sua grandeza e seu posicionamento na cidade. Com diferentes ângulos possibilito ao espectador diferentes olhares para um mesmo objeto.

- Enquadramento. Resume-se em posicionar os objetos dentro do retângulo (que é a fotografia). A primeira tendência é centralizar o que se vai fotografar, porém, podem, e devem, ser explorados outros posicionamentos afim de direcionar o olhar do espectador para o objeto principal<sup>11</sup>;



**FIGURA 07 – PRAÇA DA CHAMINÉ 2 – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

<sup>11</sup> Informações técnicas baseadas em dados apresentados no site da marca Kodak no endereço eletrônico: [www.kodak.com.br](http://www.kodak.com.br) Acesso em: 12/04/2011 às 22h.

Ao compor esta fotografia, procurei fugir da tendência de enquadrar o objeto principal no centro da imagem, traçando assim um possível caminho entre o objeto principal e o secundário, dando a impressão de que o Locomóvel (objeto principal) está olhando em direção a chaminé (objeto secundário), estabelecendo relação entre os dois.

- Perspectiva. Segundo Busselle (1979, p.22) a perspectiva “não passa de uma ilusão de ótica”, através dela o fotógrafo pode “controlar a importância relativa dos elementos situados na área da imagem”.



**FIGURA 08 – MEMORIAL DINO GORINI 1 – ANA CLARA PÍCOLO**  
FONTE: Acervo da Pesquisadora

Trabalho a perspectiva nessa imagem de tal forma à fazer com que o olhar do espectador percorra todo o trajeto dos pilares da colonização, que atravessam a imagem e deixam sua marca de grandeza.

A ousadia do fotógrafo também conta como fator importante na criação de uma boa fotografia, pois embora existam certas diretrizes à serem seguidas no momento da composição, “nenhum fotógrafo deve permitir que essas normas levem a melhor sobre seu próprio gosto ou instinto artístico.” (BUSSELLE, 1979, p.18). O toque pessoal do artista é indispensável no momento da composição da obra, é isso

que dá personalidade ao trabalho e que o destaca dos demais.

Sendo assim, de posse do conhecimento desses fatores, os quais proponho como alicerces para a experimentação fotográfica artística, aliados ao olhar sobre os equipamentos culturais de nossa cidade, que sugiro às pessoas um novo olhar, poético e sensível, para a cidade.

### **3.2 Imagem e Palavra: a poética da palavra implícita na imagem fotográfica**

Com base nos estudos anteriores, sobre a fotografia enquanto linguagem, fica claro que a imagem, por si só, apresenta diversas possibilidades de ampliação do olhar para a cidade.

Porém, mesmo sabendo que sozinha a imagem sustenta essa função, ainda existem fatores que tornam possível ampliar essas experiências entre olhar e imagem.

Reflieto então sobre a relação entre imagem e texto, sobre a escrita poética como fator integrante da imagem para um diálogo com olhar. Tratando não do texto como fator de influência para a compreensão da imagem, mas sim de um possível diálogo entre ambos. Veneroso (2006) estabelece relações entre imagem e texto, afim de quebrar barreiras e estreitar laços entre as diferentes linguagens, e vem por afirmar que a relação entre escrita e imagem “não se dá como uma relação de mera influência, mas de diálogo.” (p.49).



**FIGURA 09 – IMAGEM E TEXTO – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora

De acordo com esse pensamento, fujo da ideia da escrita como legenda para as fotografias e à trago como objeto de poética, juntamente com as imagens. Dessa maneira proponho pequenos textos em diálogo com as fotografias que apresento como produção artística no livro de artista.

Refletindo ainda sobre as relações entre poesia e imagem, busco embasamento na fala de Gonçalves (1994), autor que estabelece alguns diálogos aproximando as linguagens de texto e imagem. Encontro uma rica reflexão que aponta a relação entre texto e imagem como um sistema de signos.

É nesse sistema de signos que se inclui o observador olhante e o olhado enquanto signo aos olhos do leitor. Num movimento ímpar com a palavra, o texto realiza uma espécie de síntese fenomenal da dança entre palavra e imagem. (p. 218)

Dessa forma compreende-se o texto como um forte aliado à imagem, tratando-se de fatores contribuintes para a formação do olhar. Penso então que apresentar textos poéticos relacionados as imagens fotográficas podem vir a estabelecer uma ampliação de significados à produção artística e possibilidades de reflexão e apreciação estética.

#### 4 ARTE, CIDADE E EQUIPAMENTOS CULTURAIS: UM DIÁLOGO COM A FORMAÇÃO DO OLHAR ESTÉTICO DOS DIFERENTES SUJEITOS

Para que se possa sugerir às pessoas a possibilidade de um novo olhar, poético e sensível, envolvendo a cidade e seus equipamentos culturais, faz-se necessário definir/discutir os significados desses dentro da formação da cidade.

Tratando-se de cidade, é necessário refletir sobre o conceito de *Polis*<sup>12</sup>, muitas vezes utilizado como sinônimo de *cidade*. Este não faz referência a um “lugar geográfico, mas uma prática política exercida pela comunidade de seus cidadãos.” (ROLNIK, 1994, p.22). Ou seja, uma comunidade organizada, formada pelos cidadãos que sistematiza suas expressões e ações.

Neste sentido, trago a fala de Leite (2006), que dialoga com Rolnik (1994) e discute sobre a cidade e seus equipamentos culturais<sup>13</sup>:

Toda cidade é como um grande espaço de educação, com personalidade própria e integrada ao seu estado, região, país. Um espaço que, mesmo com suas fronteiras, é permeável às relações com o entorno. [...] As cidades são espaços privilegiados de difusão da Arte e demais expressões da cultura. (p.66)

Dessa forma compreendo que todas as cidades nos oferecem diversas possibilidades de aprendizado e ampliação de cultura a partir da troca de experiências, não apenas com outros sujeitos, mas também com o próprio espaço oferecido por ela. “A cidade é um lugar de fruição poética”. (GONÇALVES, 2007, p. 55), é preciso explorá-la.

O exercício de observação da cidade é uma maneira de estabelecer, na arte, uma bagagem referencial e teórica bastante importante. Conforme Santos (2008):

Na produção contemporânea da arte observa-se um crescente interesse por intervir e agir em contextos urbanos. A prática da caminhada vem se constituindo como fundamental, pois em espaço aberto ela propicia a observação dos aspectos notáveis, os quais alimentam muitas vezes o aprofundamento de certos enfoques, subsidiando igualmente a experiência artística dela decorrente. (p.36)

<sup>12</sup> Modelo das antigas cidades gregas segundo (ROLNIK, 1994)

<sup>13</sup> Segundo Leite (2006), compreende-se por equipamentos culturais: museus, cinemas, teatros, salas de espetáculo, bibliotecas, parques, etc. Instâncias que oferecem propostas de formação cultural.

A cidade, tratando aqui especificamente de Criciúma<sup>14</sup>, já que é dessa que me aproprio para definir o objeto de pesquisa, nos oferece diversos espaços de ampliação de repertório artístico-cultural e diferentes possibilidades de experiências estéticas. A imagem da cidade é um convite ao olhar. “Nas cidades os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas. Ícones, estátuas tudo é símbolo. Aqui tudo é linguagem, tudo se presta de imediato a descrição, ao mapeamento.” (PEIXOTO, 2004, p.26). Ou seja, a cidade está repleta de significados e de histórias por trás de suas ruas, casas, monumentos e etc.

É preciso lançar o olhar sob a cidade para que se possa perceber o que ela tem a nos apresentar. No entanto, parece que nos dias de hoje, exercer a ação do olhar, não é tão simples, já que “o olhar contemporâneo não tem mais tempo” (PEIXOTO, 2004, p.209), devido a correria diária em que vivem os cidadãos. Minha pretensão com esta pesquisa é despertar o olhar das pessoas para a cidade, partindo dos equipamentos culturais e da apropriação da imagem fotográfica enquanto linguagem poética, sensível e transgressora. Como captura do momento, poetizado para o processo de fruição.

Desta forma para que estas experiências possam acontecer é indispensável que o observador tenha tempo para a reflexão. Campos (2002, p.115) nos diz que “a leitura visual requer do leitor participação, pois é necessário que ele penetre na complexidade da imagem de modo a contemplar e perceber sensível e cognitivamente todo o seu significado”. É preciso um olhar ativo, que busca descobrir, refletir e entender o que foi visto, que contempla o que está sendo observado. A cidade precisa ser contemplada. Leite (2006) sugere:

Devemos nos deixar ver, acionar nossos repertórios, ver de novo, de perto, de longe, aos pedaços, no todo... ver e lembrar de outras coisas que já vimos antes e que estão guardadas na nossa memória; [...] Quanto mais experiências estéticas, mais imagens, sons, movimentos, palavras, sensações terei em meu acervo e, portanto, mais poderei significar outras experiências posteriores. (p.63-64)

Com base nisso é que procuro produzir minhas fotografias, buscando diferentes ângulos, outra maneira de ver a cidade, partindo de seus equipamentos culturais. Tento fugir da visão rotineira que se tem para a imagem da cidade.

---

<sup>14</sup> Informações mais detalhadas sobre a cidade são abordadas no subtítulo “Olhar a cidade em foco: Um breve panorama imagético dos equipamentos culturais de Criciúma”, presente neste capítulo.

Deposito atenção ao que a cidade tem a oferecer, e, a partir do meu olhar poético sob a cidade, busco transformá-la em imagem fotográfica para que outros possam criar novos olhares através do meu, já que “ao artista cabe convocar o olhar para o que não era anteriormente visto” (LEITE, 2005, p.22).

A fotografia se mostra um rico instrumento de arte, capaz de criar uma atmosfera de experiência estética, a fim de elevar o espectador à condição de observador ativo. Podemos firmar isso na fala de Gonçalves (2007):

Uma fotografia, aparentemente imóvel e muda, tem o poder de evocar. A evocação traz à consciência imagens e sentimentos numa mobilidade que transcende o tempo comum e fala numa linguagem que só é entendida no momento poético [...] No momento poético a arte faz a mediação que liga o real ao infinito, os sentidos à transcendência, à empatia e à fruição. (p.41)

Não é de hoje que a fotografia se mostra um modo persuasivo de representação da cidade. Segundo Santos (2004) a cidade é um tema intensamente utilizado por fotógrafos por tratar-se de um “lugar intrínseco ao desenvolvimento da cultura de massas no qual a imagem fotográfica se constituiu como referência simbólica bastante eficaz.”(p.39). Ainda segundo o autor: “A vida na cidade moderna tornou-se um teatro cujo palco coincide com a forma retangular da fotografia. Como advento da imagem fotográfica, houve transformações irreversíveis no modo de enxergar o mundo.” (p.40)

Concordo que a fotografia é capaz de transformar o olhar das pessoas para a cidade. Partindo, claro, do olhar poético do artista, dos diferentes olhares que se obtém através da lente da máquina fotográfica, buscando sempre o que se torna impossível ver na correria cotidiana. Como por exemplo, os equipamentos culturais, objetos de tamanha reflexão dotados de significado, bem como se percebe na fala de Peixoto (2004):

Os monumentos são como mapa: traçam inexoravelmente o perfil da cidade. São marcos que estabelecem sem apelação a história e os caminhos do lugar, que reduzem suas espessas camadas de vida a signos exteriores erguidos sobre a grama. Eles excluem o não dito, o invisível, da cidade. (p.29)

Em Criciúma, encontram-se diferentes equipamentos de cultura, como, por exemplo, teatros, monumentos, museus e espaços de exposições artísticas, espalhados pela cidade. É perceptível a falta de atenção dos cidadãos para com

esses equipamentos. Muitos estão esquecidos ou são pouco frequentados, outros, de tão presentes cotidianamente, passam despercebidos ao olhar. Segundo Leite (2006)

Como cidadãos não podemos nos refutar ao conhecimento de que os equipamentos culturais são instâncias também responsáveis pela emancipação e transformação sociais. Ampliar o repertório de todos é vislumbrar uma sociedade mais respeitosa com as diferenças; é favorecer uma geração mais autônoma, crítica e autoral; é falar de alteridade. Para isso atentemos à formação e instiguemos cada um a ver, ouvir e movimentar-se na cidade a partir dos convites que esta lhe faz. (p.71-72)

Percebe-se na fala de Leite, a importância dos equipamentos culturais dentro das cidades. Eles podem, e devem, ser fatores de contribuição para nossa formação estética enquanto sujeitos. Por esse motivo é importante conhecê-los, entender sua existência, experimentar diferentes olhares, afim de viver experiências estéticas. Porém, para que essa experiência seja transformadora, ela precisa ser afetiva “para que significados sejam construídos, sentidos sejam ampliados, e para que sejam estimuladas e enriquecidas a sensibilidade, a expressividade, a fantasia e a imaginação.” (ARGOLO, 2005, p.81). O ideal seria, vez ou outra, exercer um olhar estrangeiro afim de renovar/ampliar nosso olhar para a cidade e seus equipamentos, pois, como descreve Peixoto(2000):

Aquele que não é do lugar , que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. (p.363)

Busco com minhas imagens fotográficas (re)tomar esse olhar poético, com interesse pela cidade e, mais necessariamente, por seus equipamentos culturais. As apresento como possibilidade de ampliação de acervo imagético dos sujeitos, (re)visitação à memória e ampliação do olhar.

#### 4.1 Olhar a cidade em foco: Um breve panorama imagético dos equipamentos culturais de Criciúma

Chegou o momento de olhar para a cidade e destacá-la no contexto cartográfico. Faz-se necessário conhecer a cidade de Criciúma para que se possa entender a relação dos equipamentos culturais com a cidade e os sujeitos que nela habitam; bem como justificar a escolha dos equipamentos culturais contemplados nesta pesquisa.



**FIGURA 10 – MAPA DE SANTA CATARINA**

FONTE: <http://www.criciuma.sc.gov.br>



**FIGURA 11 – MAPA DE SANTA CATARINA (destaque Criciúma)**

FONTE: <http://www.criciuma.sc.gov.br>

Criciúma é uma cidade localizada no extremo sul de Santa Catarina, fundada em 1880 no dia 6 de janeiro com a chegada de imigrantes europeus, emancipada em 4 de novembro de 1925 e com uma população estimada em 187.018 habitantes (2008). É reconhecida como um dos principais polos econômicos do estado. Famosa

pela produção de pisos e azulejos, extração de carvão, indústria têxtil e pelo futebol.<sup>15</sup>

É uma cidade muito rica culturalmente, tendo em vista que foi colonizada por povos de origem diversificadas. Para celebrar a diversidade cultural dos povos colonizadores, todo ano é realizada na cidade a *Festa das Etnias*<sup>16</sup>, que contempla as etnias Polonesa, Portuguesa, Árabe, Afro-brasileira, Espanhola, Alemã e Italiana.

Criciúma também é fortemente conhecida pela exploração do carvão, que teve início em meados de 1913, e devido ao sucesso em exploração intensiva do minério, recebeu o título de Capital Brasileira do Carvão. Embora não existam mais minas de carvão ativas na cidade, Criciúma ainda é o centro administrativo de indústrias carboníferas.

Afim de reforçar o pequeno histórico da cidade de Criciúma, trago a fala de Costa (2003):

Criciúma emerge no cenário sul catarinense como uma cidade pólo de indústria e comércio. A situação geográfica, os modos de vida, a existência do carvão, o trabalho de muitos homens e mulheres criaram e recriam todos os dias varias identidades para o município que foi e é reconhecido por sua principal atividades econômicas (cerâmica, carvão, vestuário, etc.);pela descendência étnica de sua população (afro-brasileira, lusa, italiana, polonesa, alemã, e outras); pelo Movimento Sindical combativo (principalmente nos anos de 1980); pelas praticas culturais de Canto Coral, festas religiosas, futebol, entre outras. (p. 131 – 132)

Com base nesse pequeno histórico foi que escolhi os equipamentos culturais que abordo na presente pesquisa. Procurei escolher os equipamentos que tem ligação com a origem e o desenvolvimento, econômico e cultural, da cidade. Dentre eles estão monumentos, praças, teatros, museus, entre outros. Todos esses apresentam um forte elo com a história da cidade, e com os sujeitos que nela vivem.

Sendo assim, apresento a seguir os equipamentos culturais escolhidos para contemplar a pesquisa e minha produção artística que resulta no livro da artista.

Apresento então um pequeno histórico de cada equipamento ilustrado com fotografias de minha autoria (e que farão parte do livro).

---

<sup>15</sup> Dados retirados do site da Prefeitura Municipal de Criciúma. Para mais informações: <http://www.criciuma.sc.gov.br>

<sup>16</sup> Maiores informações sobre a festa no site: <http://www.festadasetnias.com.br>

#### 4.1.1 Mina Modelo Caetano Sônego



**FIGURA 12 – MINA MODELO CAETANO SÔNEGO – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora

A Mina Modelo foi um dia reconhecida como principal atração turística da cidade de Criciúma. “Trata-se da antiga Mina Brasil<sup>17</sup>, já desativada que, restaurada pela prefeitura municipal, foi aberta à visitação pública em 1984”. (SILVA, 2000, p. 216). Localizada no bairro Mina Brasil em Criciúma, a Mina Modelo, que a poucos anos atrás recebia visitantes diariamente, hoje encontra-se esquecida. Ela que um dia foi, segundo informações do Portal de turismo de Santa Catarina, a “única mina de carvão aberta à visitação pública no Brasil”, e que permitia “uma visão da evolução histórica da riqueza extrativa da cidade”<sup>18</sup>, hoje cede seu lugar ao abandono. Ao chegar no local o visitante encontrará as portas fechadas e com um aviso, “estamos em manutenção”, porém percebe-se que nada será feito para uma possível revitalização do lugar. Na verdade, está sendo construído uma nova mina de visitação onde funcionava a mina São Simão, no Bairro Napolini, e segundo o site da prefeitura Municipal de Criciúma, esse novo projeto “prevê a criação de um túnel com 300 metros de extensão. Todo o percurso destinado à visitação pública,

<sup>17</sup> Antiga mina que foi desativada pelos órgãos competentes de amparo ao meio ambiente do município, por situar-se muito próxima ao centro da cidade. (ARQUIVO HISTÓRICO, 1998)

<sup>18</sup> Informações do Portal de Turismo de SC: <http://www.sc.gov.br/portalturismo>. Acesso em: 18/05/2011 às 16h.

será feito com auxílio de vagonetes”<sup>19</sup>. Esse novo projeto já encontra-se no informativo de pontos turísticos da cidade, enquanto a antiga Mina Modelo já não faz mais parte desse.

Neste sentido com o intuito de reavivar a memória dos sujeitos, bem como a minha, decidi por fotografar a antiga Mina Modelo, já que a nova mina de visitação ainda não está pronta, e a visão do lugar, na presente data, é de um canteiro de obras.

As imagens fotográficas, da Mina Modelo, refletem o seu abandono atual, mas também explodem de significados de um passado. É um lugar que exala história, cheiros, odores, cheio de memórias. Essas imagens são propostas para provocar quem, um dia no passado, visitou a Mina Modelo. Mas também deve aguçar a curiosidade de quem não terá mais a oportunidade de visitá-la.

#### 4.1.2 Memorial Dino Gorini



**FIGURA 13 – MEMORIAL DINO GORINI 2 – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTES: Acervo da Pesquisadora

Também conhecido como “monumento às etnias”, o Memorial Dino Gorini localiza-se no Bairro Milanese. Inaugurado em 1981 com o propósito de comemorar o aniversário de 100 anos da chegada dos primeiros imigrantes europeus à cidade. (MATERIAL INFORMATIVO, s/d)<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Informações encontradas no site da Prefeitura Municipal de Criciúma: <http://www.criciuma.sc.gov.br>. Acesso em: 18/05/2011 às 16h.

<sup>20</sup> Material informativo, distribuído pelo governo, sobre os pontos turísticos da cidade.

O projeto de construção desse monumento tinha o pseudônimo de “Memórias da Cidade” e foi elaborado pelo arquiteto Manoel Coelho. Conforme Costa (2003) sua concepção abrange:

Na parte de cima, encontram-se cinco pilares em concreto e ferro com as seguintes medidas: 34,50m, 26,50m, 18m, 11m e 06,50m representando o que se considerava na ocasião como as cinco etnias formadoras da cidade. O subterrâneo abaixo dos cinco pilares de concreto apresenta a proposta de um museu que deveria comunicar a história da colonização. (2003, p. 142)

A construção do monumento estimulou a organização de uma festa aos povos colonizadores. No início, durante os anos de 1980 e parte dos anos de 1990, a festa era chamada de “Quermesse de Tradição e Cultura”, era constituída de várias barraquinhas de comidas e danças típicas de cada etnia. Hoje a festa recebe o nome de “Festa das Etnias” e é realizada no Centro de Eventos José Ijair Conti, localizado próximo ao Memorial Dino Gorini.

O Memorial é um lugar bastante visitado na cidade. As pessoas falam com orgulho desse monumento, acredito que seja porque ele representa as origens do povo criciumense.

As imagens fotográficas desse lugar, mostram toda a grandeza do monumento e realçam as marcas que ele deixa na imagem da cidade. Andar entre os cinco pilares de memória nos provoca a viajar pela história de Criciúma.

#### **4.1.3 Praça da Chaminé**

A praça da chaminé está localizada no Bairro Próspera. Foi inaugurada em 1984 e recebeu este nome devido a permanência, no local, da chaminé da usina elétrica, pertencente à Carbonífera Próspera S.A. (ARQUIVO HISTÓRICO, 1998)<sup>21</sup> Encontram-se na praça a Chaminé e o Locomóvel.

---

<sup>21</sup>Referente a dados fornecidos pelo Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez .

#### 4.1.3.1 Chaminé



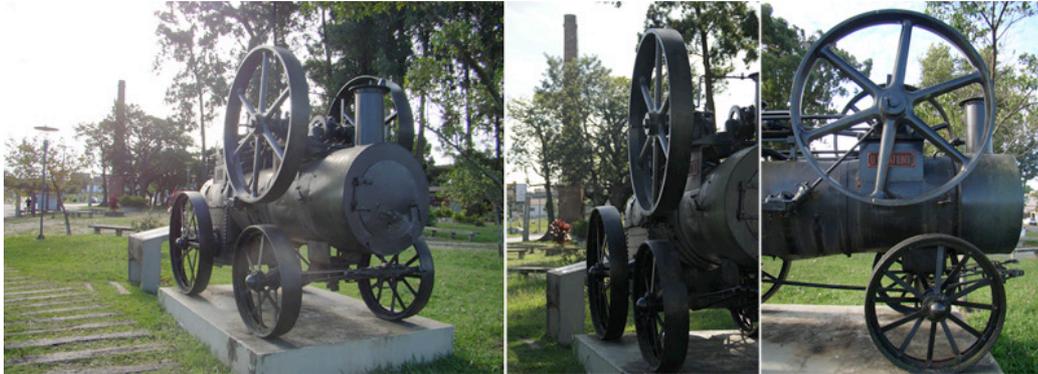
**FIGURA 14 – CHAMINÉ – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

A chaminé fez parte da usina termoelétrica da Carbonífera Próspera S.A.. A energia produzida pela usina, que foi inaugurada em 1943, “era utilizada para a manutenção da carbonífera durante os finais de semana, pois nestes dias o gerador localizado em Capivari/Tubarão, era desligado”. Segundo o historiador Mario Belolli, esta foi uma das primeiras usinas elétricas da cidade, portanto “a permanência da chaminé constitui-se como um grande indicio da chegada da modernidade ao cenário da cidade”. (ARQUIVO HISTÓRICO, 1998).

A Chaminé, assim como o Memorial Dino Gorini, é um monumento que chama atenção pelo seu tamanho, espaço e lugar<sup>22</sup>. Porém, pude perceber, ao fotografar esse monumento, que na maioria das vezes ele não se faz percebido aos olhos de quem por ali passa. Apesar de estar situada em uma praça, ela fica a beira de uma avenida, onde o fluxo de carros é maior do que o de pedestres, fazendo com que os olhares lançados a ela sejam muito velozes. Minha própria experiência de troca, em relação a Chaminé, mudou após os novos olhares que obtive através da fotografia. Hoje ela já não passa despercebida aos meus olhos. E é esse despertar do olhar que proponho com as imagens fotográficas apresentadas.

<sup>22</sup> “Para Santos (1997, p. 71) “o espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre esses objetos. O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos próprios objetos, naturais e artificiais.” O “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram, e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas.”(GONÇALVES, 2007, p. 58)

#### 4.1.3.2 Locomóvel



**FIGURA 15 – LOCOMÓVEL – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora

O Locomóvel foi colocado na Praça da Chaminé recentemente. Junto dele está uma placa que traz a informação de que o primeiro locomóvel chegou a Criciúma na década de 10 e era utilizado pela empresa CBCA (Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá) para a produção de energia. Está presente, junto a Chaminé. Dois ícones da produção de energia elétrica por meio do carvão mineral, suas imagens somadas reforçam a memória da cidade Criciúma, conhecida como a capital do carvão. (MACHINSKI, 2006)<sup>23</sup>

Em alguns olhares que obtive através da fotografia, percebo que o próprio locomóvel parece olhar em direção à chaminé, reforçando ainda mais o elo entre os dois. Me fazem refletir: quantas memórias cabem nesse olhar?

#### 4.1.4 Largo da Anistia



**FIGURA 16 – LARGO DA ANISTIA – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora

<sup>23</sup> MACHINSKI, Alline Selinger. Reconhecendo as produções artístico-culturais dos espaços públicos da cidade de Criciúma. 2006. Iniciação Científica - Universidade do Extremo Sul Catarinense.

O Largo da Anistia possui oito metros de altura e simboliza as restrições à liberdade dos cidadãos impostas pelo regime militar. Localizado no bairro Pinheirinho, o monumento foi executado pelos artistas Call Milioli, Serafim JB e Zé do Raio X. O monumento foi inaugurado no dia 28 de agosto de 1999.

Uma nota no jornal A Notícia<sup>24</sup>, do dia 30 de agosto do mesmo ano, relatou:

Os anos tristes em que o Brasil ficou mergulhado durante a época da ditadura foram lembrados em Criciúma na manhã de sábado. No dia 28 de agosto, quando se comemorava os 20 anos da assinatura da Lei da Anistia, pessoas que vivenciaram aqueles anos participaram da inauguração do Largo da Anistia. O monumento, com oito metros de altura, simboliza um cidadão com os olhos vendados, submisso e sem liberdade de pensamento, que eram situações comuns impostas pelo regime ditatorial. Um dos principais objetivos é formar a memória da população, principalmente dos jovens que não tiveram contato com aqueles anos.

Como relatado no texto do jornal, um dos principais objetivos do monumento é formar a memória dos jovens que não tiveram contato com a ditadura em nosso país. Talvez por esse motivo, ele localize-se ao lado da universidade, local de vivência diária de centenas de estudantes. Infelizmente percebo que não é dada a devida atenção à esse equipamento, tanto pelas más condições de conservação observadas, assim como pelas marcas físicas apresentadas, provavelmente fruto de vandalismo. Acredito que essa situação se deve ao fato do desconhecimento do real sentido do monumento, e por sua vez, a não atribuição do devido respeito que esse merece.

Com esse cenário em mente, durante a composição das fotos, busquei reforçar os códigos que apresentam a carga sentimental que o equipamento pretende passar. Segundo Barthes apud Dubois (2003) “é evidente que códigos vêm influenciar a leitura da foto” (p. 49). Na foto acima, na qual retrato o sol brilhando por entre os elos da corrente, pretendi transmitir a ambiguidade de sentimentos: o sol brilhando, símbolo da liberdade, da vida e das possibilidades, cortado pelos elos da corrente, objeto símbolo de repressão e de clausura. Quantos vezes em uma prisão, presos políticos já não tiveram uma visão assim?

---

<sup>24</sup> <http://www1.an.com.br/1999/ago/30/0ger.htm>. Acesso em: 18/05/2011 às 17h.

#### 4.1.5 Monumento aos Desaparecidos Políticos



**FIGURA 17 – MONUMENTO AOS DESAPARECIDOS POLÍTICOS 2 – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

Inaugurado em 22 de setembro de 1995, no bairro Santa Luzia, o Monumento aos Desaparecidos Políticos tem como intuito homenagear as vítimas da Ditadura Militar. De acordo com o site<sup>25</sup> que conta a história do bairro, a escolha da construção deste monumento se deu porque Santa Luzia foi o bairro mais firme na oposição ao regime militar, de 1964 até 1985. Foi um bairro de luta por excelência. Citam ainda que Criciúma foi a primeira cidade brasileira a homenagear as vítimas da Ditadura Militar.

Juntamente com o Largo da Anistia, este monumento reforça a memória de Criciúma dos tempos da ditadura militar. Símbolo do reconhecimento do povo cricumense às pessoas que tiveram o paradeiro desconhecido numa época de inexistência da liberdade de expressão.

Ao retratar esse monumento, procurei trabalhar com o contraste entre o claro, ou seja, aquilo que é visível aos olhos, e o escuro, aquilo que já não é mais visível. A foto que tem o sol de contra, silhuetando o monumento, todo na sombra, tem a intenção de não caracterizar o homem ali representado, deixando-o livre de um reconhecimento, possibilitando a atribuição de inúmeras faces e nomes, dos vários desaparecidos que são por ele retratado. Na foto ao lado, meu olhar foi despertado pela sombra que o monumento projeta, e pela carga simbólica que podemos atribuir:

<sup>25</sup> <http://www.portalriomaina.com.br/santa-luzia/historia>. Acesso em 18/05/2011 às 17:30h.

não vemos o monumento como um todo, nos restou apenas a sombra, e dentro de algum tempo essa também terá sumido.

#### 4.1.6 Monumento à Primeira Pedra Mó



**FIGURA 18 – MONUMENTO À PRIMEIRA PEDRA MÓ – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

O Monumento à Primeira Pedra Mó foi idealizado em 1963/1964 e edificado no ano de 1966. Essa edificação trouxe para a Praça do Imigrante, localizada na rua 6 de Janeiro – Centro, a memória da primeira indústria da cidade e presta homenagem aos bravos colonos fundadores de Criciúma. O monumento é composto pela primeira pedra mó trazida à Criciúma pelos colonos, afim de se construir um moinho, e também por três pilares, que simbolizam as três primeiras etnias, italiana, alemã e polonesa. Pilares esses que sustentam a pedra. Uma curiosidade sobre a pedra é que os colonos a trouxeram para Criciúma “rolando a braços” por 40km, levando 20 dias para completar o trajeto. O Monumento à Pedra Mó tem significado especial para a memória do trabalho dos agricultores e reforça a memória do trabalho da cidade. (ARQUIVO HISTÓRICO, 1998)

Através do olhar perante este monumento, retratado nas imagens acima, procuro posicionar a visão do espectador de tal forma que ele perceba a importância de significado que este equipamento possui. Ao tirar a foto de “baixo para cima”, posição chamada na fotografia de contra-mergulho, procuro despertar a impressão subjetiva que este posicionamento causa, que é a de ressaltar a grandeza do monumento. Na foto em detalhe, retrato a força simbólica do trabalho em conjunto

das três etnias, representadas pelas torres de mesmo tamanho, ou seja, de igual responsabilidade e importância, ao transportar a pedra mó em um esforço coletivo.

#### 4.1.7 Memorial Casa do Ferroviário Mário Ghisi



**FIGURA 19 – MEMORIAL CASA DO FERROVIÁRIO MÁRIO GHISI – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

A Casa do Ferroviário está ligada a construção da Estrada de Ferro D. Teresa Cristina em Criciúma. A casa está localizada no centro da cidade, ao lado do terminal central de ônibus. Foi erguida na década de 1920, e tinha como objetivo abrigar o Agente Ferroviário da estação ferroviária e sua família. Muitos agentes moraram neste local até a década de 1970.

Em 1995 ela foi demolida durante a construção do terminal urbano da cidade. Porém, em 2001, movidos por ações judiciais, os responsáveis pela demolição tiveram que reconstruí-la novamente, tal qual era.

O lugar representa um memorial da história do transporte ferroviário da cidade de Criciúma, e conserva um acervo de imagens da ferrovia. (ARQUIVO HISTÓRICO, 1998)

Com essas fotografias pretendo aguçar a imaginação das pessoas e promover a reflexão com o convite que a imagem traz. Segundo Sene (2005) “uma fotografia pode ser e sempre será uma interpretação visual de um acontecimento; estará contribuindo mais à função de dispositivo fomentador de reflexão ou imaginação.”(p. 8). A janela aberta, sem restrições a quem está do lado de fora, convida o espectador a descobrir o que há lá dentro e incita à imaginação de quem por ela vê.

#### 4.1.8 Praça Nereu Ramos



**FIGURA 20 – PRAÇA NEREU RAMOS – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

A praça construída em 1930, durante o mandato do prefeito Cincinato Napolini, é um dos ícones da cidade. (MATERIAL INFORMATIVO, s/d)<sup>26</sup>. Localizada no Centro de Criciúma, a praça Nereu Ramos abriga grande parte do comércio, e se torna, muitas vezes, ponto de encontro do povo cricumense.

Nela estão localizados mais 3 equipamentos que contemplo em minha pesquisa: o Memorial 20 de Novembro, o Monumento ao Mineiro e a Casa da Cultura Neuza Nunes Vieira. Dos quais falo a seguir.

##### 4.1.8.1 Memorial 20 de Novembro



**FIGURA 21 – MEMORIAL 20 DE NOVEMBRO – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

<sup>26</sup> Material informativo, distribuído pelo governo, sobre os pontos turísticos da cidade.

Este monumento é fruto de uma reivindicação de grupos étnicos afros descendentes e foi construído em 1996 em função da comemoração dos 300 anos de Zumbi dos Palmares. Reporta a população afro na cidade de Criciúma. (ARQUIVO HISTÓRICO, 1998). A data de 20 de novembro é reconhecida como feriado do Dia da Consciência Negra, data em homenagem a Zumbi dos Palmares, morto em 1695. Zumbi representa hoje, para algumas pessoas, um símbolo de resistência, um herói que lutou pela liberdade.

Diante disso podemos refletir sobre a pedra utilizada para representar esse memorial. Firme, resistente, capaz de suportar com bravura a luta para ser livre. E este contexto onde está localizado o memorial, no chão e envolto por palmeiras vem por ressaltar parte da herança cultural do povo afro.

Na imagem o memorial em questão dialoga com o Monumento ao Mineiro, juntos eles reforçam a memória de trabalho, resistência e lutas em busca de conquistas.

#### 4.1.8.2 Monumento ao Mineiro



**FIGURA 22 – MONUMENTO AO MINEIRO 2 – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

Monumento erguido em homenagem aos Homens do Carvão, tal como diz sua inscrição “Criciúma aos Homens do carvão 1913 – 1946”. As datas dizem respeito ao descobrimento do carvão e a inauguração da estátua, respectivamente.

Foi inaugurado no dia 29 de dezembro de 1946. De acordo com registros, a construção do monumento teve como objetivo marcar os 33 anos da implantação no sul catarinense, da indústria carbonífera. A figura esculpida teve como modelo o operário Manoel Costa, trabalhador da Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá. (ARQUIVO HISTÓRICO, 1998)

Hoje o Monumento ao Mineiro ocupa um lugar diferente do dia em que foi inaugurado. Antes, situado em cima de um pedestal em frente a Igreja São José, e agora, o monumento foi transferido para o outro lado da praça, e já não tem mais seu lugar de destaque em um pedestal.

O Mineiro de bronze em uma das praças da cidade vem com o intuito de estimular a memória do trabalho na mineração aguçando assim o imaginário de quem por ali passa. Porém, de tão presente que o monumento se faz no cotidiano das pessoas, atualmente ele passa despercebido ao olhar.

Com as fotografias do mineiro busco destacar seu lugar na cidade, sua importância; retratar o seu papel de herói no desenvolvimento de Criciúma.

Nas imagens ele está solitário, e através do contra-plano que utilizei ao fazer algumas das imagens, procuro expressar a sensação de que ele está buscando o olhar das pessoas. Encontrou o meu, e através das fotografias encontrará outros.

#### 4.1.8.3 Casa da Cultura Neuza Nunes Vieira



**FIGURA 23 – CASA DA CULTURA – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora

O prédio foi construído na década de 1940, inicialmente para ser a sede da Prefeitura de Criciúma, foi inaugurado em 1943. Em seguida funcionaram ali o Foro (1944) e a Câmara Municipal (1946), e a administração da FUCRI – Fundação Educacional de Criciúma, de 1972 até o início da década de 1980.

Em 1984 o prédio foi readquirido pela Prefeitura Municipal de Criciúma, quando então, foi colocado o revestimento em granito nas paredes externas para abrigar a sede da Casa da Cultura sendo tombada como patrimônio histórico da cidade pelo decreto no AS/137/85. (ARQUIVO HISTÓRICO, 1998)

Atualmente administrada pela Fundação Cultural de Criciúma, a Casa da Cultura possui em suas dependências o Arquivo Histórico Pedro Milanez, o Departamento de Patrimônio Histórico e a Coordenação da Casa da Cultura.

Segundo Tavares (2009) a fotografia “tem na sua essência a criação de metáforas, de conotações, de analogias diversas, conseguindo converter a objetividade em subjetividade. O visível não é necessariamente aquilo que nos é apresentado perante os olhos. (p. 125)”. Com esse pensamento em mente, procurei, assim como na Casa do Ferroviário, instigar a curiosidade das pessoas para aquilo que apresento. Quando exponho, por exemplo, a imagem de uma porta entreaberta, convidativa, sem revelar explicitamente o que há em seu interior, me valho da objetividade da cena, para convertê-la no subjetivo, e deixar a cargo da imaginação de cada novo olhar a criação de uma relação própria com a cena.

#### 4.1.9 Teatro Municipal Elias Angeloni e Teatro de Arena



**FIGURA 24 – TEATRO MUNICIPAL ELIAS ANGELONI E TEATRO DE ARENA – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora

Localizados no bairro Milanese, fazem parte do Centro Cultural Santos Guglielmi, que foi construído em 1983.

O Teatro Municipal Elias Angeloni tem capacidade para aproximadamente 740 lugares, camarins e um espaço anexo para dança. É formado por dois níveis de plateia e possui palco com boca de cena. No local são realizadas peças de teatro, apresentações musicais, balés, palestras, seminários, etc.

Ao ar livre, o Teatro de Arena tem capacidade para 250 pessoas e possui sistema de iluminação central.

O Teatro Elias Angeloni, devido ao seu tamanho e posicionamento em meio ao centro cultural tem posição de destaque, e dificilmente não é visto pela

população. Porém, o desafio aqui não é apenas ser visto, mas sim percebido. Sua estrutura geométrica permite fotografá-lo explorando as perspectivas que ele sugere, assim como padrões e ritmos existentes em sua fachada e janelas laterais.

As curvas formadas pelos degraus do Teatro de Arena, vistas a uma certa distância, permitem a criação de uma composição fotográfica baseada na direção, tamanho e contraste. Apresento-o dessa forma com a intenção de aumentar sua visibilidade perante os olhos menos atentos.

#### 4.1.10 Praça do congresso



**FIGURA 25 – PRAÇA DO CONGRESSO – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

Localizada no centro de Criciúma, recebeu esse nome após sediar o Congresso Eucarístico Diocesano em 1946. Hoje o espaço oferece parque infantil, farta arborização, lago e os bustos de Aníbal Alves Bastos, ligado ao carvão, e Addo Caldas Faraco, três vezes prefeito do Município.

Envolta por prédios residenciais, alguns pontos comerciais e uma escola, a praça do Congresso é diariamente palco de vivência de muitos cricumenses, das mais diversas faixas etárias. A história se mistura com o presente, em meio aos balanços do playground, ao convidativo banco à sombra e seus caminhos arborizados. “As experiências, os afetos, humanizam os lugares, demarcando núcleos em torno dos quais vão gravitar as lembranças.” (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 112). Os convites estão todos ali, basta percebê-los.

#### 4.1.11 Museu Municipal Histórico e Geográfico Augusto Casagrande



**FIGURA 26 – MUSEU AUGUSTO CASAGRANDE – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

O imóvel onde hoje está instalado o Museu Municipal Histórico e Geográfico Augusto Casagrande está localizado no bairro Comerciário. Foi construído em 1920, pelo imigrante italiano Augusto Casagrande, conforme a lembrança da arquitetura de sua terra de origem. Por estar situada em cima de um pequeno morro, a casa se destacava e ficou conhecida como “casarão”. Em 1978 os herdeiros de Augusto Casagrande doaram o casarão à prefeitura de Criciúma, com a condição do mesmo ser restaurado e destinado à implantação de um museu. A inauguração então deu-se em 1980, juntamente com as comemorações do centenário da Colonização de Criciúma.

Hoje o museu abriga um amplo acervo, fruto de doações ocorridas desde 1976, representando com seus recortes históricos a cidade de Criciúma e região. Entre as peças encontram-se, além de outras coisas, objetos que rememoram a mineração e algumas peças indígenas. (MATERIAL INFORMATIVO, s/d)<sup>27</sup>

O material informativo do museu traz uma interessante reflexão de Mario Chagas sobre museus, a qual, compreendo que transmite a essência do lugar:

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e instituições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. (MATERIAL INFORMATIVO, s/d)

<sup>27</sup> Material informativo do próprio Museu Augusto Casagrande.

Convencida dessa ideia de ligação entre mundos, tempos e culturas, a fotografia da sua fachada, que mostraria os detalhes arquitetônicos da época me pareceu uma obrigatoriedade. Ao chegar ao museu me deparei com uma cena que solidificou ainda mais esse conceito de ligação de épocas, pensamentos e pessoas diferentes: um senhor olhava calmamente o movimento da rua pela antiga janela, e o contraste do antigo casarão dentre prédios altos e novos estava ainda mais acentuado.

#### 4.1.12 Fundação Cultural de Criciúma



**FIGURA 27 – FUNDAÇÃO CULTURAL DE CRICIÚMA – ANA CLARA PÍCOLO**  
FONTE: Acervo da Pesquisadora

A Fundação Cultural de Criciúma localiza-se no centro da cidade. O local foi construído em 1940 para o funcionamento do Departamento Nacional de Produção Mineral. Foi a partir de 1993 que a FCC tomou posse de uma parte do local, criando o Centro Cultural Jorge Zanatta e posteriormente em 1996 todo prédio passou a ser administrado pela FCC. (ARQUIVO HISTÓRICO, 1998)

Fazem parte da Fundação, o Galpão das artes - onde são realizadas atividades como mostras e oficinas de teatro e cultura popular - e a Galeria de Arte Contemporânea, considerada um dos mais importantes espaços de exposições de arte contemporânea do sul de Santa Catarina.<sup>28</sup>

Como concluí no primeiro capítulo desta pesquisa, entendo cultura como as interações da arte e das demais atividades humanas, e nesse contexto arte como um meio de manifestação, carregada de signos e significados, que ajudam a

<sup>28</sup> Informações adquiridas no site: <http://www.fundacaoculturalcriciuma.com.br>. Acesso em: 19/05/2011 às 17h.

construir e reconstruir a identidade dos indivíduos. Dessa forma, na retratação imagética da Fundação Cultural, procurei trabalhar o conceito de que diferentes caminhos levam à cultura. Para tanto, tento sensibilizar o olhar do espectador para o caminho que traçamos, fruto de nossa escolha em percorrê-lo, afim de construir, reconstruir, trocar experiências e ampliar repertórios.

#### 4.1.13 Espaço Cultural Unesc – Toque de Arte



**FIGURA 28 – ESPAÇO CULTURAL UNESC – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

Está localizado no bairro Pinheirinho, nas dependências da UNESC, mais precisamente no hall do bloco administrativo do campus universitário. O Espaço Cultural Unesc - Toque de Arte, tem por objetivo “estimular a produção e a difusão das artes, possibilitando o intercâmbio de conhecimentos entre a Universidade e a comunidade.” Este espaço valoriza os talentos artísticos da região com mostras, exposições e apresentações musicais.<sup>29</sup>

Minha intenção aqui foi de mostrar o espaço vazio como um amplo palco de possibilidades. O posicionamento do olhar de forma a valorizar as linhas de profundidade, criam a terceira dimensão da fotografia, objeto bidimensional por natureza. Cabe ao fotógrafo a inserção desse terceiro plano, de modo a despertar o olhar do observador para a real proporção do ambiente. Temos um espaço pronto para ser preenchido com as mais diferentes possibilidades de cultura.

<sup>29</sup> Informações adquiridas no site da UNESC: [www.unesc.net](http://www.unesc.net). Acesso em: 19/05/2011 às 18h.

#### 4.1.14 Cinema



**FIGURA 29 – CINEMA – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTES: Acervo da Pesquisadora

Em Criciúma, da década de 40 até meados da década de 90, existiam cinemas com prédios próprios. Entre eles o saudoso Cine Rovaris, o Cine Milanez, Cine Itália, Cine Guarani e o Cine Ópera. Porém, visando o progresso e a modernidade, esses espaços foram sendo fechados, um a um, entre as décadas de 70, 80 e 90, hoje permanecem na memória da cidade.

Atualmente os cinemas são acoplados à mecanismos de consumo, dentro dos shoppings centers. Existem em Criciúma 4 salas de cinema, 2 no Shopping Della, localizado no Centro da cidade e 2 no Criciúma Shopping, localizado no bairro Próspera. Estes cinemas pertencem a empresa Arcoíris Cinemas, e seguem o padrão Arcoplex Stadium, com salas em formato stadium, que contam com Som Dolby Digital, poltronas especialmente projetadas, tela gigante, bomboniere e tem como perfil a exibição de filmes em lançamento.<sup>30</sup>

Ao compor as imagens do cinema como espaço cultural, fiz uso da luz do ambiente para definir o contorno e desenhar os objetos. Dessa forma deixo com que a luz revele o lugar, fazendo referência ao próprio nome “fotografia, escrever com a luz. Pude explorar a perspectiva e revelar o caminho do projetor, de onde sai a luz, até a tela do cinema, lugar onde a luz transforma-se em imagens para nossos olhos.

<sup>30</sup> Dados adquiridos no site da empresa Arcoíris Cinemas: <http://www.arcoiriscinemas.com.br>. Acesso em: 04/06/2011 às 16h

## **5 MEMORIAL DESCRITIVO: Livro de artista: Fotografias, poéticas e olhares para os equipamentos culturais de Criciúma.**

Firmando um diálogo com os capítulos anteriores desta pesquisa, descrevo abaixo o processo de criação de minha produção artística.

Início esse processo de criação traçando uma experimentação fotográfica na cidade de Criciúma que suscitou reflexões e estudos teóricos que nortearam meu problema de investigação. Com o auxílio de um material do arquivo histórico da cidade, contendo dados dos equipamentos culturais de Criciúma, bem como a localização desses, (re)visitei esses lugares, munida de uma câmera digital comum, afim de fazer um mapeamento dos equipamentos culturais envolvidos nesse estudo. Nessa experimentação fotográfica despretensiosa, pude percebê-los e estudá-los a partir de um olhar sensível. Alguns estavam esquecidos, até mesmo por mim. Já outros se confundem com a paisagem urbana com visibilidade comprometida por fios de luz, placas de trânsito, árvores dentre outros.

Após esse reconhecimento dos equipamentos culturais da cidade escolhidos e dos estudos teóricos realizados em consonância com o método escolhido para esse processo de pesquisa, realizei duas saídas fotográficas buscando capturar ângulos, momentos, estéticas e imagens que concretizassem os conceitos estudados.

Foi uma experiência interessante, pois, além de ter a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos durante a pesquisa, fazer reflexões sobre arte, cultura, fotografia, olhar, imagem e exercitar as técnicas de fotografia estudadas, pude contar também com a participação de alguns espectadores.

Em diversos momentos, as pessoas que passavam, paravam para observar o meu ato fotográfico e para perceber o que estava sendo fotografado. Os mais curiosos me questionaram com perguntas como: *“O que é isso?”* *“Que monumento é esse?”* *“Qual a finalidade deste lugar?”*.<sup>31</sup> Respondi à essas pessoas tudo que

---

<sup>31</sup> As expressões destacadas em itálico nesse capítulo remetem-se a fala de espectadores que transitavam nos equipamentos da cidade durante a captura das imagens. Destaco-as para evidenciar a fala dos observadores que dialogaram com meu processo. Porém mantenho o anonimato da autoria uma vez que estes dados não comprometem a veracidade dessa investigação.

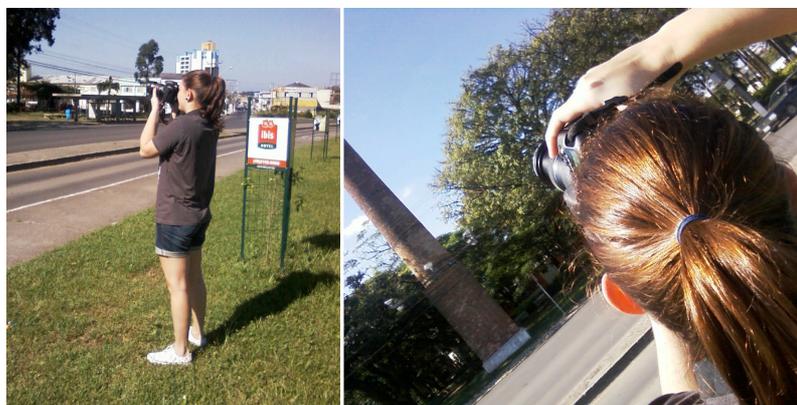
estava a meu alcance e incentivei que pesquisassem mais a fundo, buscando conhecer um pouco mais sobre a história, a cultura e a arte da própria cidade.

Obtive também um relato de uma jovem, que narrou: *“Passo por aqui todos os dias e nunca parei para perceber esse lugar”*. Nesse momento reafirmei a necessidade de tomar os equipamentos culturais da cidade como objeto de pesquisa, e de através da fotografia, materializadas no livro da artista (re)apresentá-los aos sujeitos da cidade. Também compreendi a veracidade na fala de Leite (2006) - autora da qual me aproprio dos estudos no capítulo 5 desta pesquisa, onde discuto mais profundamente as questões sobre cidade, arte e equipamentos culturais - quando diz que:

Ampliar o repertório de todos é vislumbrar uma sociedade mais respeitosa com as diferenças; é favorecer uma geração mais autônoma, crítica e autoral; é falar de alteridade. Para isso atentemos à formação e instiguemos cada um a ver, ouvir e movimentar-se na cidade a partir dos convites que esta lhe faz. (p.71-72)

Partindo então dos estudos sobre a linguagem fotográfica enquanto arte e o exercício do olhar, pude compor minha produção de arte. Nesse sentido concordo com Tavares, autor cujo os conceitos foram aprofundados no capítulo 4 da presente pesquisa, quando diz que “o resultado da fotografia não está na máquina (instrumento do fazer desta arte) mas sim no olho do fotógrafo que percebe determinado momento e o captura”. (2009, p. 122).

Essas capturas de imagens foram feitas com duas câmeras fotográficas, sendo elas uma Sony Cyber-shot DSC-H50 e uma Canon EOS 7D.

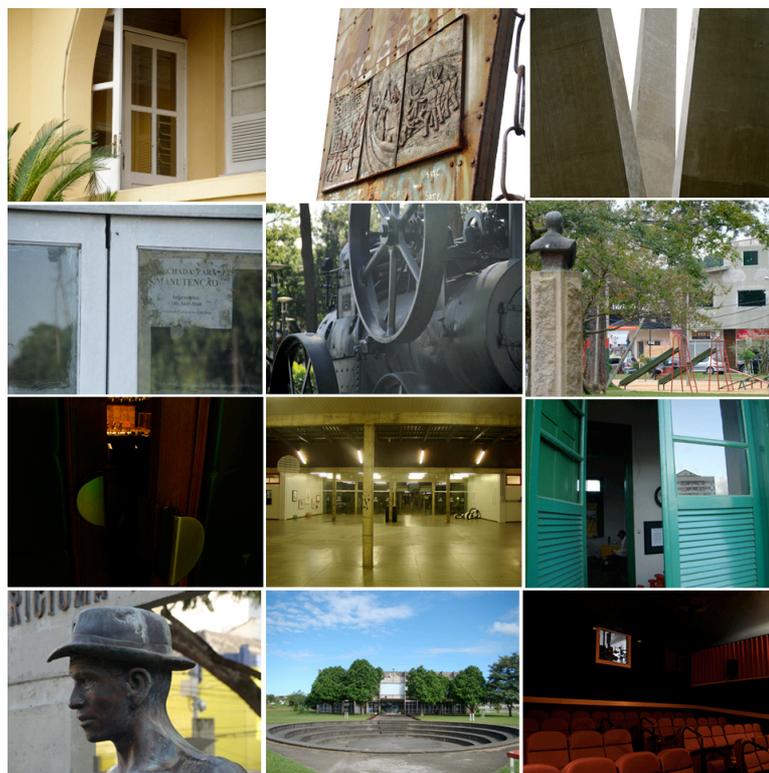


**FIGURA 30 – FOTOGRAFANDO – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora



**FIGURA 31– MOSAICO DE IMAGENS 2 – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora



**FIGURA 32 – MOSAICO DE IMAGENS 3 – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

As imagens acima (figura 29 e figura 30), trazem algumas das fotografias que foram produzidas durante esse processo.

Após a produção das fotografias, algumas dessas foram encaminhadas para Zeli Felisberto<sup>32</sup>. A mesma é formada em letras e habituada a escrever poesias. Solicitei à ela que criasse pequenos textos poéticos partindo da sensibilidade para as diferentes imagens construindo pequenas tessituras textuais com as imagens que lhe afetassem o olhar. Isso com a intenção de criar um diálogo entre as diferentes linguagens: a fotográfica e a escrita poética, e com isso vir a estabelecer uma ampliação de significados à produção artística e possibilidades de reflexão e apreciação estética.

Em posse desse material, passei a refletir sobre como apresentar minhas imagens fotográficas juntamente com os textos poéticos.

Pensando, então, em um meio de despertar a sensibilidade das pessoas para os equipamentos culturais de Criciúma, com o intuito de provocar, a partir da fotografia artística, uma nova possibilidade de olhar aos sujeitos, decidi por escolher apresentá-las em um livro. O “livro da artista”. Encontro embasamento para essa escolha na fala de Cotton (2010, p. 7) quando afirma que “estamos vivendo um momento excepcional para a fotografia, pois hoje o mundo da arte a acolhe como nunca o fez e os fotógrafos consideram as galerias e os livros de arte o espaço natural para expor seu trabalho“. E também nas reflexões de Dubois (2003) quando diz que a imagem fotográfica em si, apresenta um maior sentido quando integrada a um dispositivo que lhe permite transparecer todo seu efeito. Ele define alguns desses dispositivos como sendo uma espécie de instalação fotográfica. E complementa:

A obra em seu conjunto é o resultado dessa situação , dessa instalação fotográfica. [...] Formulada desse modo, a instalação ou a escultura fotográfica pode evidentemente recobrir as formas mais diversas. [...] um simples livro ou um álbum de fotografias (de família ou não) pode ser descrito como uma instalação ou uma escultura: o álbum, assim como um livro, é de fato um volume, é um objeto tridimensional, manipulável que se pode virar e revirar, abrir e fechar, folhear, atravessar, ele apela para uma experiência física. (p. 292).

---

<sup>32</sup> Zeli Felisberto é graduada em Letras (Português e Espanhol) - Licenciatura pela UNESC desde Agosto de 2005 e tem o hábito de escrever poesias. O seu processo de criação para escrever os versos que compõem a produção artística "Livro da Artista" partiu do sentir e do olhar para as imagens fotográficas dos equipamentos culturais. Segundo Zeli Felisberto, quatro imagens receberam fragmentos de poemas escritos anteriormente e os demais foram escritos exclusivamente para as imagens fotográficas.

Desta forma, proponho como produção artística o livro da artista, com cunho fotográfico, onde o ponto de partida é o registro poético visual dos equipamentos culturais da cidade de Criciúma.

Para a produção do livro foram utilizados: o Adobe Photoshop CS5, para pequenas correções nas fotografias e também para criação da capa e algumas outras imagens que compõem a produção. E para realizar a diagramação e montagem do livro utilizei o software Adobe InDesign CS5.



**FIGURA 33 – LIVRO / CAPA – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

Apresento, então, acima (figura 33) uma imagem que representa a capa do livro. Após estudos de cores, fontes e imagens, chego a esse resultado. Opto por uma cor mais neutra afim de evidenciar as cores na imagem fotográfica. As fontes utilizadas foram da família FishmongerK, tendo em vista sua legibilidade e sua forma moderna agradável aos olhos. A imagem que preenche as letras é uma fotografia que retrata um momento em que eu estava fotografando. Através dessa capa venho por evidenciar a fotografia, o momento de composição fotográfica e uma relação entre imagem e texto.



**FIGURA 34 – LIVRO / INFORMAÇÕES – ANA CLARA PÍCOLO**  
 FONTE: Acervo da Pesquisadora

O livro conta com páginas de informações, apresentação e sumário. Utilizei as fontes da família FishmongerK em toda a parte escrita do livro, mantendo assim uma identidade.



**FIGURA 35 – LIVRO / PÁGINAS ABERTAS 1 – ANA CLARA PÍCOLO**  
FONTE: Acervo da Pesquisadora

Visando, ainda, criar uma identidade visual para o livro, utilizo da mesma ideia da capa para compor as páginas de identificação dos equipamentos culturais, como exemplo apresentado nas imagens da figura 35.

As fotografias foram sendo posicionadas de maneira que criassem um contexto harmonioso juntamente com os textos poéticos. Faço uso do branco e do preto como fundo para as fotos e essa escolha advém da melhor combinação com as imagens afim de intensificar o olhar e possibilitar uma maior visibilidade às fotografias, para que elas fiquem em maior evidência.



**FIGURA 36– LIVRO / PÁGINAS ABERTAS 2 – ANA CLARA PÍCOLO**

FONTE: Acervo da Pesquisadora

O Livro da Artista totaliza 110 páginas, com 51 fotografias, foi impresso em papel couché 115 gramas e tem o formato 26x20 cm. A figura 36 apresenta mais algumas visualizações das páginas, lembrando que, nas imagens, o livro se mostra aberto, para uma melhor compreensão da obra.

## 6 CONCLUSÃO

Chego ao fim dessa etapa da pesquisa com algumas importantes considerações, esclarecimentos e muitas reflexões.

Após muitas leituras e estudos transformados em escrita, apresentadas no referencial teórico, percebo que o problema que me motivou à realizar essa pesquisa (em que medida a linguagem fotográfica, compreendida enquanto arte, contribui na formação do olhar estético dos sujeitos, tomando como ponto de partida o registro poético visual dos equipamentos culturais da cidade de Criciúma?) torna-se, até este momento, esclarecido. Afirmo isso tendo em vista toda a fundamentação adquirida através de teóricos e a experimentação, colocada em evidência, a partir do processo de criação do livro da artista enfatizando a linguagem fotográfica e a escrita da imagem.

Com a realização dessa pesquisa tive a oportunidade de adquirir novos conhecimentos, aprofundar no que já não me era desconhecido e com isso ampliar minha bagagem. Troquei experiências com algumas pessoas e também com os teóricos apresentados. E mais importante que isso, troquei experiências com a cidade e seus equipamentos culturais. Comungo da ideia de que é preciso olhar para a cidade e sua identidade cultural. Um olhar ativo, com atenção e reflexão, para que aconteça uma troca e então um envolvimento entre sujeito e lugar.

Constata-se que a partir da arte o homem constrói-se como sujeito, expressa sua vivência, compõe novos repertórios, novos signos que se interpretam e se revelam cotidianamente. Bem como a cultura, a qual compreendo como instrumento fundamental de formação da identidade do sujeito e como produção humana que diferencia os grupos sociais existentes. Produzimos cultura e somos produzidos por ela.

Fica evidente também que todas as cidades nos oferecem diversas possibilidades de aprendizado e ampliação de cultura a partir da troca de experiências. O exercício de observação à cidade é uma maneira de estabelecer, na arte, uma bagagem referencial e teórica bastante importante. Nossa cidade (Criciúma) oferece diversos espaços de ampliação de repertório artístico-cultural e diferentes possibilidades de experiências estéticas.

É preciso direcionar olhares para a cidade para que se possa perceber os convites que ela faz. No entanto, constato que, nos dias de hoje, exercer a ação do olhar, não é tão simples, devido a correria diária em que vivemos. Essa foi a principal proposta da pesquisa, a de despertar o olhar, partindo dos equipamentos culturais e da apropriação da imagem fotográfica enquanto linguagem poética, sensível e transgressora. Como captura do momento, poetizado para o processo de fruição.

Outro aspecto bastante relevante referem-se as linguagens artísticas, que nos oferecem diversas formas de provocar nos sujeitos o despertar do olhar e a apreciação estética. A fotografia se mostra capaz de exercer essa função de maneira majestosa. Claro, falando aqui da fotografia enquanto linguagem artística, onde existe uma composição, um pensamento por trás da imagem que revela, que poetiza, que oferece potência de criação. Partindo sempre do olhar poético, dos diferentes olhares que se obtém através da lente da máquina fotográfica.

Os estudos me revelam o poder que há na relação entre a imagem fotográfica e o olhar. Ao exercer um olhar ativo sobre uma imagem, essa nos remeterá a lembranças, atingirá nossa memória. Verifico então que é possível olhar a cidade de Criciúma a partir da poética fotográfica e assim manter nossa memória imagética viva, com um repertório ampliado de imagens e memórias e por consequência, manter viva a memória da cidade. Minhas fotografias vieram por apontar ângulos que me afetam, que me sensibilizam, e ao apresentá-las à outros sujeitos, novos olhares tendem a se criar. Pois a imagem, ou aqui podendo falar na arte como um todo, tem essa característica de englobar diversos significados, que estão sempre se (re)significando através do olhar de cada sujeito. É fato que, sempre que a arte estiver em contato com diferentes sujeitos, novas significações irão se estabelecer.

Chego ao fim dessa pesquisa com o sentimento de ter feito a escolha certa. Ao me deparar com diversas formas de representar a cidade, escolhi apresentá-la por meio das imagens fotográficas evidenciando os equipamentos culturais. Eles falam da cidade, do desenvolvimento econômico e cultural, fazem parte da identidade dos cidadãos e são objetos de tamanha reflexão dotados de significados. Compartilho da ideia que eles contribuem para nossa formação estética enquanto sujeitos e daí a importância em conhecê-los, entendê-los e experimentar diferentes olhares.

Durante minha experimentação constatei a grande falta de respeito, interesse e conhecimento perante aos equipamentos culturais da cidade. Alguns mais do que outros estão esquecidos ou são pouco frequentados. A grande maioria sofre com o vandalismo e não percebo nenhuma ação, seja dos órgãos públicos ou até mesmo dos cidadãos, em prol da conservação desses lugares. É perceptível a falta de atenção para com esses equipamentos. Penso que isso é um problema que deve ser analisado motivando também outras pesquisas científicas. Ações de conscientização, visitas orientadas, materiais de divulgação, acredito serem formas de fazer com que mais pessoas tenham conhecimento desses lugares e que assim conheçam também o significado de cada um deles.

A partir da pesquisa pude constatar que a linguagem fotográfica sustenta de forma bastante profunda a função de contribuinte para formação de um olhar estético-crítico. Sendo assim, as fotografias, que foram fruto dos estudos sobre a linguagem fotográfica, apresentadas pelo livro da artista, vem com o propósito de despertar o olhar dos sujeitos. Elas trazem uma maior visibilidade para os espaços de propagação de cultura e conhecimento da cidade.

Após toda a reflexão sobre arte, cultura, cidade e seus equipamentos culturais e fotografia, percebo a forte relação que há entre todos. E foi de toda essa relação e reflexão que nasceu essa pesquisa que acredito ser relevante para os campos de pesquisa em arte bem como para a cidade de Criciúma/SC.

Diante disso, sugiro futuras pesquisas com o uso da fotografia como instrumento de formação do olhar e também como forma de falar sobre uma cidade e seus equipamentos culturais tendo a arte como interlocutora.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 132 p.

ANOTÍCIA. **Monumento**: Criciúma inaugura Largo da Anistia. Joinville, 30 ago.1999. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/1999/ago/30/0ger.htm>>. Acesso em 18 maio 2011 às 17h.

ARCOÍRIS Cinemas. **Há 50 anos fazendo parte da história do cinema no Brasil**. Disponível em: <<http://www.arcoiriscinemas.com.br/>>. Acesso em 04 jun. 2011 às 16h.

ARGOLO, Gabriela Salles. Olhares e saberes do encontro com a arte. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (Orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papyrus, 2005. p.73-84.

ARQUIVO HISTÓRICO PEDRO MILANEZ. Acervo da Casa da Cultura Neuza Nunes. Criciúma, 1998.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo: Thomson, 1979. 224 p.

CAMPOS, Neide Pelaez de. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. 177 p.

CESAR, Newton; PIOVAN, Marco. . **Making of: revelações sobre o dia-a-dia da fotografia**. 2. ed. rev. ampl. Brasília: SENAC/DF, 2007. 427p.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 11 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. 131 p.

COSTA, Marli de Oliveira. **As identidades e os monumentos: a experiência de Criciúma – SC**. In: RAMPINELLI, Waldir José. **História e poder: a reprodução das elites em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2003. p. 131 – 146.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 248 p.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 247 p.

DUBOIS, Philippe,. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2003. 362 p.

ECICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL ARTES VISUAIS. **Arte contemporânea**. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/>>. Acesso em 12 abr. 2011 às 20h.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4.ed São Paulo: Saraiva, 2003. 153 p.

FOTOGRAFIA. **Revista MAM**, Rio de Janeiro, v.1 , n. 1, p. 26 - 30, Dez. 2009.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CRICIÚMA. **A fundação**. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturalcriciuma.com.br/afundacao.html>>. Acesso em 19 maio 2011 às 17h.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 175 p.

GONÇALVES, Aguinaldo José. **Laokoon Revisitado: Relações homológicas entre texto e imagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 339 p.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 95 - 124.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2007. 204 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

HUCHET, Stéphane. Tal qual, a fotografia. In: SANTOS, Alexandre; SANTOS, Maria Ivone dos. (Orgs.). **A Fotografia nos processos artísticos contemporâneos**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 14 – 20.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005. 315 p.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as Linguagens Artístico-Culturais: Processos de Apropriação/Fruição e de Produção/Criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e Arte: As Linguagens Artísticas na Formação Humana**. Campinas: Papirus, 2008. Cap. 2, p. 27-36.

\_\_\_\_\_. Experiência estética e formação cultural: discutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA Sandra Ramalho (Orgs.). **Ensaio em torno da Arte**. Ed. Argos, 2006.

\_\_\_\_\_. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: \_\_\_\_\_; OSTETTO, Luciana E. (Orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005. p. 19-54.

MARIGO, Luiz Claudio. Qual é a da fotografia? **Fotografe melhor**. Ano 14 n.165, jun. 2010. p. 56 – 68.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **História de Criciúma**. Disponível em: <<http://www.criciuma.sc.gov.br/conteudo.php?codigo=101&secretaria=30>>. Acesso em 18 maio 2011 às 16h.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar estrangeiro. In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 361 - 365.

\_\_\_\_\_. **Paisagens urbanas**. 3. ed. rev. e amp São Paulo: SENAC/SP, 2004. 436 p.

PORTAL RIO MAINA. **Bairro Santa Luzia**: história. Disponível em: <<http://www.portalriomaina.com.br/santa-luzia/historia>>. Acesso em 18 maio 2011 às 17:30h

RICHTER, Ivone Mendes. Arte e interculturalidade: possibilidades na educação contemporânea. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. (Orgs.).

**Interterritorialidade**: Mídias, contextos e educação. São Paulo: Ed Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2008. p 105-111.

\_\_\_\_\_. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. 215 p.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3.ed São Paulo: Brasiliense, 1994. 86 p.

SANTA CATARINA, Governo do Estado de. **Portal Turismo**. Centro de Informática e Automação de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default.asp?CodMunicipio=44&Pag=3>>. Acesso em 18 maio 2011 às 16h.

SANTOS, Jose Luiz dos. . **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. 89 p.

SANTOS, Alexandre. Da cidade como resposta à cidade como pergunta: a fotografia como dispositivo de representação/apresentação do espaço urbano. In: SANTOS, Alexandre; SANTOS, Maria Ivone dos. (Orgs.). **A Fotografia nos processos artísticos contemporâneos**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 286 p.

SANTOS, Maria Ivone dos. A observação de um lugar urbano como ação da arte. In: RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Camelódromo cultural**: IV colóquio poéticas do urbano. Florianópolis: Bernúncia, 2008. p. 36 – 41.

SENE, Joel La Laina. **Fotografia**: Ensino é Pesquisa. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <[http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18398/1/R16\\_13-1.pdf](http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18398/1/R16_13-1.pdf)>. Acesso em 19 maio 2011 às 20h.

SILVA, Eunice Assini da. **Conhecendo Santa Catarina: opções turísticas**. Itajaí, SC: UNIVALI, 2000. 237 p.

SILVA, Jane Cristina Baptista; NETTO, Rosália Maria. **FOTOGRAFIA**: um olhar semiótico sobre uma linguagem não-verbal. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. v.4, n.9 - 2º Semestre de 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>>. Acesso em 30 mar. 2011.

TAVARES, Antônio Luís Marques. **Fotografia artística e o seu lugar na arte contemporâneo**. Sapiens: história, patrimônio e arqueologia. n1, p. 118 – 129, Jul. 2009. Disponível em: <[http://revistasapiens.org/biblioteca/numero1/a\\_fotografia\\_artistica.pdf](http://revistasapiens.org/biblioteca/numero1/a_fotografia_artistica.pdf)>. Acesso em 15 abr. 2011.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE. **Espaço Cultural**. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/114/3502/>>. Acesso em 19 maio 2011 às 18h.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. A letra como imagem, a imagem da letra. In: NAZARIO, Luiz; FRANCA, Patricia. (Orgs). **Concepções contemporâneas da arte**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 46 – 67.

**ANEXO**

## **ANEXO A – Textos poéticos escritos por Zeli Felisberto.**

### **1 - Largo da Anistia**

Vês elos ou correntes?

Aprisionas ou constróis?

### **2 – Casa da Cultura**

...para que te sintas em casa,

Pendurei alguns retratos.

### **3 - Casa da Cultura Neuza Nunes Vieira**

Vês da janela o que te trouxeram os trilhos

que outrora te levaram?

### **4 – Chaminé**

Olha para o passado e ainda verás horizonte!

### **5 – Monumento aos Desaparecidos políticos**

Roubaras-me o sol, só porque nele,

Eu vira mais brilho que tu.

### **6- Memorial Dino Gorini**

Por quantos ângulos teu dom de olhar vê o mundo?

### **7 – Espaço Cultural Unesc – Toque de Arte**

Seguem teus passos certos ou não,

De tua escolha, teu sonho.

### **8 – Fundação Cultural de Criciúma**

...acomoda-te bem,

Há um lugar reservado para ti,

Recém-chegado...

**9 – Cinema**

senta-te e sonha...  
na tela branca te é permitido...  
voar, com ou sem asas  
chorar, de dó ou de rir  
vem... sente o que podes e sonha...

**10 – Locomóvel**

Calei-me para falar-te aos olhos.  
Por que não me vês, se me ouves?

**11 – Mina Modelo**

Por que olham esses olhos que se negam a ver?

**12 – Monumento ao Mineiro**

Sou território santo  
De paredes de carne feito...

**13 - Museu Municipal Histórico e Geográfico Augusto Casagrande**

Eu conto histórias[...]

**14 – Praça Nereu Ramos**

Ouçõ teus passos.  
Ouves meu clamor?

**15 – Monumento à Primeira Pedra Mó**

Às vezes não é preciso caminhar...  
O mundo dá voltas.

**16 – Praça do Congresso**

Permaneço...  
No vazio do teu mundo...  
...num banco de praça...  
Esperando-te passar.

Passar e talvez não me notar.

### **17 – Teatro Arena**

Há passos que perderam o compasso e deixaram de ser dados.

### **18 – Teatro Municipal Elias Angeloni**

Dos espetáculos que a vida me deu,

De alguns fui palco, de outros, plateia

De outros tantos protagonista

E com eles vivi um sem fim de fins felizes, ou não.